

EDILMA SABINO DA SILVA

**PADRE NICOLA MAZZA E A VIVÊNCIA DOS VALORES
EVANGÉLICOS AUTOTRASCENDENTES**

Universidade d'Oeste de Santa Catarina
ASSOCIAÇÃO TRANSCENDER (UNOESC)
SÃO PAULO, 2007

EDILMA SABINO DA SILVA

**PADRE NICOLA MAZZA E A VIVÊNCIA DOS VALORES
EVANGÉLICOS AUTOTRASCENDENTES**

Monografia apresentada à UNOESC como
um dos requisitos para o curso de pós
graduação em Psicopedagogia

Orientador Prof. Deolino P. Baldissera

Universidade d'Oeste de Santa Catarina
ASSOCIAÇÃO TRANSCENDER (UNOESC)
SÃO PAULO, 2007

Dedico este trabalho a todas as pessoas sedentas de Deus, dispostas a tudo perder,
para atingir as alturas e voltar ao infinito, de onde vieram.

PENSAMENTO:

“O fogo de Deus nos inflame e a maior Glória de Deus seja o nosso único objetivo”.

(Padre Nicola Mazza)

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, autor, principio e sentido do meu existir que me leva a uma incansável busca da autotranscendência no seu infinito amor; agradeço aos meus pais, eternos colaboradores de Deus no dinamismo da vida e que me ensinaram a ser o que sou hoje; um agradecimento muito especial a minha inesquecível Ir Rosa Melucci por ter sempre me acompanhado, incentivado, guiado para Deus e por ter me forçado a levar adiante este trabalho. A minha gratidão também a Ir. Maria Percila por ter me ensinado o caminho da autotranscendência, às minhas companheiras de estudo pela colaboração e incentivo recíproco, de modo particular a minha querida Ir. Maria do Carmo. Por fim, toda a minha gratidão a minha Congregação: Irmãs da Caridade do Sagrado Coração – Irmãs de Padre Mazza, na pessoa da madre Geral Ir. Maria Teresa Piazzola pela oportunidade de crescer para Deus com este curso; e também ao meu co-irmão Pe. Domenico Romani pela preciosa ajuda e a todas as pessoas que me ajudaram durante todo o percurso da minha vida até aqui.

SUMARIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I	
I. A TEORIA DA AUTOTRASCEDÊNCIA NA CONSISTÊNCIA	11
1.1 Alguns elementos da Teoria da Autotranscendência na Consistência	11
1.2 Alguns conceitos importantes desta teoria	15
1.3 A autotranscendência Teocêntrica no Amor	19
CAPÍTULO II	
II. CONTEXTO ONDE SE INSCREVE A VIDA DE PE. MAZZA	23
2.1 Realidade sócio-econômica-política e religiosa no século XIX	23
2.2 Vida e obras de Padre Nicola Mazza	27
2.3 As Instituições mazzianas ontem e hoje	34
CAPÍTULO III	
III. OS VOLORES QUE DIRECIONARAM A VIDA DE PADRE NICOLA MAZZA	42
3.1 A espiritualidade de Padre Nicola Mazza	42
3.2 Padre Mazza e a autotranscendência	45
3.3 Humildade, caridade, busca constante da vontade de Deus: valores de fundo da vida de Padre Nicola Mazza	51
CONCLUSÕES	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
ANEXOS	60



PADRE NICOLA MAZZA

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa apresentar os valores vividos por Padre Nicola Mazza, dando destaque para o modo como ele viveu a autotranscendência. Além disso, neste também se descreveu um pouco a teoria da Autotranscendência na Consistência.

Sabe-se que na sociedade atual, se tem dado pouca importância para a vivência dos valores de forma geral e menos importância ainda, se dá à vivência dos valores evangélicos de Cristo. Por isto, este trabalho quer ser uma pequena luz que aponta para o horizonte da vivência dos valores cristãos e humanos.

No primeiro capítulo fala-se da teoria da Autotranscendência Teocêntrica, dos seus Elementos Constitutivos e da Autotranscendência Teocêntrica propriamente dita. Este capítulo ajuda a entender como funciona esta teoria e qual o seu objetivo.

Hoje se fala pouco de vida de sacrifício, de renúncias e de entrega total a Cristo. Vive-se bem mais uma vida onde tudo é relativo, passageiro e pouco comprometida em todos os sentidos. Daí a importância de se falar em autotranscendência e autotranscendência teocêntrica no amor.

Rulla (1987, p. 164) diz que o espírito do homem, sua mente e seu coração, são uma força ativa, um poder de atuação para a autotranscendência; por isso, o sujeito é intrinsecamente, aliás constitutivamente relacionado com o objeto na direção do qual se

transcende. Isto é, existe no homem um processo ontológico de desenvolvimento, uma força espontânea que o empurra para a autotranscendência.

Portanto, o homem já tem dentro de si esta força que o impulsiona a se autotranscender. Cabe a ele a escolha do caminho para este fim, pois Deus deixa o homem livre para escolher, mas está sempre disponível a atuar na vida do homem com a sua graça e auxiliá-lo neste processo e, mais ainda, está sempre atraindo a pessoa humana para si, para se autotranscender no seu Amor.

O segundo capítulo apresenta a realidade sócio-econômica, política e religiosa no século XIX. Descreve também a vida de Padre Nicola Mazza e a sua obra e fala um pouco das suas instituições ontem e hoje. O objetivo deste, é situar historicamente a vida e atuação deste homem para entendermos o que o impulsionou a atuar da maneira como atuou.

A época em que ele viveu foi um período em que a história da humanidade tomava novos rumos e abria-se à modernidade com todas as mudanças que esta acarretou. Desse modo, estamos falando de um período de mudanças radicais como: revoluções, guerras e avanços tecnológicos que causaram um enorme impacto no modo de viver, na economia, na religião, nas concepções de mundo e de homem.

Para lidar com esta realidade, Pe. Nicola Mazza se preocupou em dar resposta a estes desafios e o resultado dos seus esforços é palpável através das obras que deixou e que se perpetuam até hoje, e daquilo que as pessoas que o conheceram falam dele.

Por fim, o terceiro capítulo destaca a espiritualidade, o modo como Padre Mazza viveu a autotranscendência e alguns dos valores principais que direcionaram a sua vida o motivaram a agir. Por este motivo, este trabalho coloca em evidência o modo como Pe. Nicola Mazza viveu os valores evangélicos da humildade, caridade e a busca da vontade de Deus. Estes são praticamente os valores básicos que fundamentam a sua espiritualidade.

Colocar em relevo a vida concreta de uma pessoa que viveu de forma coerente os valores é contribuir para mostrar a importância de uma vida de doação e de saída de si mesmo em busca do algo mais que realiza a nossa vida de forma coerente com os valores vividos por Jesus Cristo.

Não há dúvidas de que Pe. Mazza foi um homem que viveu sua espiritualidade de forma muito profunda e coerente com a opção que fez; seu maior desejo era ser um sacerdote útil a Igreja, pois na véspera da sua ordenação disse aos seus amigos: “Amanhã serei sacerdote, reze a Deus por mim, para que eu saiba ser um sacerdote útil à Igreja”

(Padre Nicola Mazza, *Apud*, ALBRIGI, 1965, pp. 23-31).

Portanto, espera-se que este trabalho desperte curiosidade e ao mesmo tempo admiração diante da maneira como este homem de Deus se esforçou para viver sua vocação e ser consistente com o chamado de Deus em sua vida.

CAPÍTULO I

A TEORIA DA AUTOTRASCENDÊNCIA

1.1- Alguns elementos da Teoria da Autotranscendência na Consistência

Até aqui já foram realizados muitos estudos sobre a vocação, mas nenhum deles tratou sobre a vocação integrando a teologia, filosofia e psicologia como o trata a teoria da Autotranscendência na Consistência.

Segundo Rulla (1986, p. 21), um fator comum entre as teorias da vocação em geral é que a auto-realização é a motivação fundamental que está na raiz de qualquer escolha vocacional e a teoria da autotranscendência entende que o objetivo primeiro da vocação é a autotranscendência teocêntrica e a autotranscendência é consequência desta.

A preocupação desta teoria é evidenciar a capacidade que o homem tem de se autotranscender teocentricamente:

As antropologias “humanistas”, as que são orientadas para a auto-realização e não a autotranscendencia ou que buscam uma autotranscendencia só egocêntrica e/ou filantrópico-social e não teocêntrica, são inadequadas, insuficientes para compreender e viver de modo apropriado a vocação cristã (RULLA, 1987, p. 321).

De fato, Marilene Brandão diz que esta teoria nasceu justamente da necessidade de englobar psicologia e vocação:

Existe um certo número de teorias especificamente vocacionais que procuram interpretar a escolha de uma carreira ou de uma profissão em função dos atributos da personalidade. Estas diversas teorias têm como fator comum: a auto-realização, como motivação fundamental na base de cada escolha. Porém, a escolha da vocação religiosa tem sua identidade própria que se fundamenta no Evangelho: deixar tudo para seguir Cristo. Seria, então, contraditório basear na auto-realização uma vocação orientada para a superação de si. Daí a necessidade de elaboração da teoria da autotranscendência na consistência, englobando psicologia e vocação. Quanto à vocação, sua preocupação centraliza-se principalmente na área dos fatores motivacionais que influenciam a entrada, a perseverança e a eficácia na vocação (BRANDÃO, 1984, p. 52).

Baseada em pesquisas experimentais, esta teoria trabalhou a partir de um método antropológico interdisciplinar desenvolvido pelo Pe. Rulla e seus colaboradores. Ela apresenta uma visão articulada da vocação cristã e dos obstáculos inerentes aos limites humanos que se apresentam de forma subconsciente. Na sua abordagem principal mostra a influência do subconsciente no dia a dia das pessoas e apresenta uma possibilidade de ajuda para a formação de sacerdotes, religiosos e cristãos leigos comprometidos com a causa do Reino de Deus.

Trata-se de uma teoria que não é nem otimista nem pessimista em relação à pessoa humana, mas procura ser realista, leva em consideração não só os valores naturais, mas também os valores autotranscendentes teocêntricos, e a auto-realização é uma consequência de uma resposta vocacional dada na totalidade:

A autotranscendencia é meio de auto-realização do homem. O homem realiza seu próprio e autêntico ser-ele-mesmo só no transcender a si mesmo, no sair de si para além de si mesmo, na entrega de si mesmo ao outro. Quanto mais transcende, tanto mais atua sua própria essência (RULLA, 1987, p. 285).

Neste caso a palavra transcendência tem o sentido de dar um salto além daquilo que já se é, superar-se; é um processo que permite ir além daquilo que já sabemos. Por isso, pode-se transcender em diversos níveis, mas ela só acontece num processo de decisão e é neste nível que acontece a questão da autotranscendência teocêntrica. Portanto, a principal preocupação

desta teoria é aumentar a liberdade da pessoa para internalizar os valores e a finalidade da vida é a autotranscendência no amor.¹

Esta visão encontra suas bases e fundamentos nos documentos do Concílio Vaticano II, de modo particular em “*Perfectae caritatis*” e tem como objetivo a integração das várias dimensões da pessoa, auxiliando-a para chegar a um maior conhecimento de si mesma, mas sobretudo, ajuda a pessoa a aceitar e a integrar em si os diferentes níveis da vida psíquica, internalizando os valores evangélicos para que estes se tornem forças e convicções na vida da pessoa.

O ser humano dispõe de uma potencialidade para alcançar a autotranscendência no amor teocêntrico, mas necessita do apoio e a orientação de outras pessoas; e também, acima de tudo, ele deve estar aberto para a ação da graça divina que age apenas se encontra espaço. Neste sentido esta visão da vocação cristã mostra-se um meio importante para auxiliar a pessoa neste processo.

Rulla (1987, pp. 5-7), diz que a vocação pode ser entendida como apelo de Deus à pessoa humana para que coopere como colaboradora na Nova Aliança que o próprio Deus quis estabelecer com o homem. Mas, o apelo divino à pessoa humana não cai em terreno neutro, porque encontra duas realidades antropológicas, que fazem parte da natureza humana; a primeira delas é que existe no homem a possibilidade, a capacidade de se autotranscender teocentricamente, isto é, de ultrapassar sistematicamente a si mesmo, a tudo que adquiriu, a tudo que pensa, quer e realiza, a tudo que é, para se projetar além de sua situação presente e alcançar Deus como objeto último; a segunda realidade é que o apelo divino encontra outra realidade antropológica. Trata-se de limitações de diversas naturezas inerentes à pessoa humana, as quais, podem obstruir mais ou menos a liberdade do homem para viver sua tendência antropológica na autotranscendência teocêntrica. A autotranscendência é por si favorável à cooperação humana com a Nova Aliança, ao passo que as limitações humanas levando a uma liberdade imperfeita podem ser um obstáculo para tal cooperação.

Estas afirmações acima nos revelam que o homem é capaz de se autotranscender teocentricamente todas as vezes que consegue superar suas necessidades limites humanos para atingir como fim último de sua vida o plano de Deus.

Um outro elemento importante a se considerar nesta teoria é que ela oferece é um apoio significativo para o auto-conhecimento da pessoa que deseja crescer, não só no sentido

¹ No último item desta seção falaremos mais detalhadamente sobre esta autotranscendência no Amor.

vocacional, mas também em todos os aspectos da sua vida, já que não é possível atingir um caminho de liberdade sem um progressivo caminho de auto-conhecimento:

A antropologia aqui proposta como personalismo cristão, volta-se mais para as estruturas internas da pessoa do que das externas, isto é, para aquelas que a ajudam a se tornar o que ela é: um ser chamado por natureza a se autotranscender teocentricamente, para poder amar (com a ajuda da Graça) de modo responsável o Tu divino e o tu humano. Além disso, essa antropologia volta-se para a situação existencial da pessoa, isto é, para um ser que deve superar limitações conscientes e subconscientes da sua liberdade (RULLA, *ibidem*, 1987, p. 543).

Um dos métodos mais importantes utilizados por esta teoria é o método transcendental de Lonergan, por ser o mais compatível com o aprofundamento da vocação cristã.

Rulla (1987, pg.137), apoiando-se no método transcendental de Lonergan, diz que este método é desenvolvido em termos de operações do sujeito, descobertas no sujeito. Elas são definidas em termos precisos: experiência, inteligência, juízo, etc. (os quatro níveis de operação de Lonergan encontram-se melhor apresentados no terceiro item desta sessão, na pg. 21). Está baseado no que o sujeito humano de fato faz ou no que acontece no sujeito, seja ele completamente consciente ou não. Portanto, Lonergan como o seu método, apresenta um modo de tratar as diferenças individuais.

Este método nos ajuda a compreender que o homem pode se autotranscender, mas tudo depende da motivação pela qual a pessoa tende a agir, pois ela tanto pode levá-lo à autotranscendência como desviá-lo: se ele for motivado pelos valores a atinge, mas se for motivado pelas suas necessidades egocêntricas, se distancia desta meta.

De acordo com Rulla (1987, pg. 370), a mensagem, a contribuição central da teoria da autotranscendência na consistência pode ser resumida numa frase: salvo o primado e a preveniência insubstituível da Graça divina, os dinamismos, as forças psicossociais do homem, conscientes e subconscientes, influenciam a liberdade para a autotranscendência do amor, e assim podem afetar o processo vocacional em maneiras e graus diversos.

Já publicada em diversos livros, esta teoria busca integrar a teologia da vocação cristã juntamente com os aspectos psicológicos da vocação².

² RULLA, Luigi M. Antropologia da vocação cristã - Vol. I - bases interdisciplinares. São Paulo: Paulinas, 1987; _____. Antropologia della vocazione cristiana – Vol II – conforme esistenziale. Piemme, 1986; _____. Antropologia della vocazione cristiana – Vol III – Aspetti interpersonali. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 1997; _____. Psicologia do profundo e vocação, a pessoa. São Paulo: Paulinas, 1977; _____. Psicologia do profundo e vocação, as instituições. São Paulo: Paulinas, 1986; RULLA, Luís M.; IMODA, Franco; RIDICK, Joyce. Estrutura psicológica e vocação, motivações de entrada e de saída. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

Como pudemos perceber, segundo esta teoria a pessoa humana tem a capacidade em se autotranscender e ir em direção daquilo que está acima e além de si próprio, mas por ser aberto ao absoluto e limitado pelo relativo, este processo exige um esforço e uma busca cotidiana que depende de muitos fatores, como por exemplo, da sua estrutura de personalidade e da sua dinâmica de vida. Além disso, esta teoria procura integrar os valores espirituais em um conjunto psicológico coerente e harmonioso.

1.2 Alguns conceitos importantes desta teoria

Neste item iremos elencar os principais elementos que compõem esta teoria e conceituá-los. Além disso, mostraremos como eles afetam a vida da pessoa limitando a sua liberdade.

É interessante, antes de qualquer coisa, compreender como esta teoria entende a personalidade, para depois partirmos para as suas particularidades.

Segundo Rulla (1987, p. 577), se entende por personalidade os componentes estruturais de um indivíduo que se manifesta em processos dinâmicos que explicam os comportamentos que o próprio indivíduo assume na sua vida em relação ao ambiente em que vive. Portanto, é esta dinâmica a concepção que se propõe da personalidade, em que estão presentes tanto as características inatas do indivíduo como os comportamentos com que se expressa, como também a realidade ambiental, em cujo relacionamento esses comportamentos se desenvolveram e também modificaram.

Como vimos anteriormente, o homem é aberto ao absoluto, mas limitado pelo relativo. Esta realidade se torna um paradoxo, ou seja, ele é ao mesmo tempo hetero-centrado e auto-centrado.

Cencini e Manenti (1988, p. 172), dizem que estudar o homem significa defrontar-se com este paradoxo tipicamente humano, para ver de que forma o próprio homem poderá integrar os aspectos contraditórios do seu eu: conhecer-se e aceitar-se em sua realidade atual (eu atual) para fazer dela o ambiente no que desenvolverá os valores (eu ideal), auto-realizar-se no autotranscendendo-se, e superar a si mesmo para viver plenamente a própria originalidade.

É nesta perspectiva que foi feito este estudo e que iremos aprofundar, a seguir, a personalidade no aspecto do conteúdo e da sua estrutura.

Marilene Brandão (1984, pp.52-53), afirma que esta teoria estuda os complexos elementos que compõem a personalidade a partir de dois pontos de vista: estrutura e conteúdo. Do ponto de vista estrutural, a personalidade pode ser considerada segundo dois níveis: o eu ideal consciente (aquilo que o indivíduo deseja ser ou tornar-se); e o eu atual, que pode ser tanto consciente quanto inconsciente e corresponde àquilo que a pessoa realmente é, saiba ele ou não, e o modo como age comumente.

Rulla foi quem melhor aprofundou a personalidade do ponto de vista estrutural. Segundo ele (1987, pp. 197-207), no nível estrutural o eu ideal além de ser visto como o que a pessoa gostaria de crescer em ideais transcendentais e como ideais que a pessoa quer alcançar que se apresentam sob forma de valores e atitudes, ele também pode ser dividido em dois aspectos: o *eu institucional* referindo-se às expectativas que a pessoa tem para si e o que a instituição lhe propõe ou a percepção do ideal que a pessoa imagina que a instituição tem para si, que pode corresponder ou não; e o *eu pessoal* que são os ideais que a pessoa escolhe para si, o que quer ser ou realizar, onde quer chegar. O eu atual é aquilo que a pessoa é no momento e pode ser subdividido em três aspectos: a) *eu manifesto* que é o conceito que a pessoa tem de si mesmo, da sua auto imagem, é aquilo que a pessoa é e sabe que é; b) *eu latente* que é o aspecto inconsciente da pessoa e pode ser revelado através de testes ou da entrevista do profundo, está escondido, inconsciente ou pré-consciente, são características que possui, mas não sabe; c) *eu social* é visto pelos outros, é o que a pessoa é aos olhos dos outros e ao mesmo tempo é a preocupação de viver conforme o grupo.

Em algumas circunstâncias da vida o ser humano mostra-se ambíguo no seu modo de agir e nos seus desejos internos isto revela as contradições existentes entre o eu atual e o eu ideal, ou seja, a chamada dialética de base.

Segundo Rulla (1987, pp. 400-401), o método estrutural proposto está fundamentado e inclui diversos conceitos transituacionais e transculturais: antes de tudo, os cinco valores fundamentais da vocação (união com Deus, seqüela de Cristo e um coração pobre, casto e obediente segundo o exemplo de Cristo), que são revelados. Além disso, três fatores que são ontológicos, inerentes à natureza humana: a autotranscendência teocêntrica, a dialética de base, e a diferença entre valores autotranscendentes e valores naturais, que está na base da distinção das três dimensões (que aprofundaremos mais para frente, ainda neste item).

Os cinco valores citados acima são tidos como referência para a autotranscendência no amor própria da vocação cristã

Rulla (1987, pp. 372-376) diz que Nuttin apresenta o conteúdo da estrutura da personalidade caracterizado pelas necessidades, atitudes e valores. As necessidades podem ser originários de um déficit ou de uma potencialidade e são tendências que existem em nós, mas que não levam necessariamente à ação e podem ser de origem fisiológica, psicológica, racional-espiritual; as atitudes são um estado mental ou nervoso de predisposição para agir e apresentam 4 funções: a utilitária que tem a função de receber gratificações e evitar punições, a de defesa do eu para defender a imagem que criamos de nós mesmos, a de conhecimento para conhecer e dominar conteúdos e a expressão de valores que são as convicções defendidas.

Os valores são ideais abstratos e duradouros que apresentam três componentes: cognitivo, conativo e afetivo, além disso, podem ser de dois tipos: naturais (infra-humanos e infra-morais) e transcendentos (morais e religiosos).

De acordo com Cencini e Manenti (1988, p. 102-103), os valores enquanto ideais abstratos, diferenciam-se das normas, já que não dizem imediatamente “que” fazer, mas “como” ser: não um comportamento, mas um estilo de vida.

Os três níveis da vida psíquica é o que pode impulsionar a pessoa a viver conforme os valores ou as necessidades.

Nuttin (1972, p. 313) diz que, ao nascer, o ser humano traz consigo uma tendência direcionada para ação. Tal atividade busca satisfazer desejos e necessidades e só cessa com a morte. Essa tendência expressa-se no funcionamento da vida psíquica em três modalidades e três níveis.

O primeiro nível da vida psíquica descrito por ele é o nível psicofisiológico que está relacionado às atitudes ligadas ao bem estar ou mal estar no organismo: sede, fome, sono. O que motiva esse nível é a satisfação da necessidade, é o mais palpável dos níveis. A percepção real neste ponto, será fragmentária e parcial, pois está em função da própria necessidade biológica, é uma leitura limitada ao visível, físico, útil e subjetivo. Por traz da necessidade fisiológica há uma necessidade de sobrevivência e autopreservação que faz com que a interpretação geral da vida seja utilitarista e individualista.

O segundo nível é o psicossocial que é o nível das relações sociais, do estar com, dar e receber, da reciprocidade humana de contato, sentir-se parte ativa de uma quantidade de pessoas. O que motiva esse nível é a tomada de consciência da própria limitação e insuficiência como pessoa, portanto, necessitada de outros. A percepção do real, o que chama a atenção é sobretudo voltada aonde há pessoas, embora não vista como tais, mas em função

da relação gratificante. Aqui também atrás da necessidade do outro e da relação é possível ver a necessidade de expansão de si, da auto-realização.

E por fim, o terceiro nível que é o nível racional-espiritual, é o nível das atividades psíquicas ligadas à necessidade de conhecer a verdade. Corresponde à capacidade humana de compreender a natureza das coisas abstraindo-as dos dados dos sentidos criando conceitos, conhecendo coisas abstratas, julgar, transcender o aqui e o agora e perseguir valores espirituais. A motivação básica é o desejo e a necessidade de saber, resolver problemas fundamentais como o conhecimento de si próprio, lugar, do mundo, o sentido da vida e da morte, etc.

A teoria considera importantes as motivações pelas quais a pessoa faz escolhas; estas podem ter uma razão tanto consciente quanto inconsciente e assumem um papel importante na vida da pessoa e na sua capacidade de caminhar rumo a autotranscendência.

Como consequência da autotranscendência se instaura na pessoa dois conjuntos de forças motivacionais opostas. Estas duas forças opostas estão na base da vocação humana. São duas formas de reagir frente aos fatos e de optar diante das situações concretas. A pessoa está sujeita às mudanças inevitáveis, mas deve tomar decisões tanto para dirigir de maneira ativa às mudanças como para submeter-se passiva ou indiferente a elas. Em ambos os casos deve tomar decisões que implicam juízo de valor e de fato.

Von Hildebrand e Lonergan (*Apud* Rulla, 1987. p. 143), apresentam duas categorias de importância: a) importante para mim, se refere à decisão tomada pelo prazer, o que me agrada, agir conforme as necessidades, se trata de uma avaliação emotiva onde predomina o inconsciente ligado à emoção = impulso que leva a avaliar o que é bom ou fugir do que é ruim; b) importante em si mesmo: referente à decisão tomada pelo valor em si e que pode ser desagradável no momento, ver o valor das coisas conforme, agir conforme os valores e o querer racional, se faz uma avaliação racional, é a razão quem conduz, predomina o consciente e favorece a autotranscendência.

Além das categorias de importância existem também as dialéticas entre as estruturas: as três dimensões. Como há três classes de valores objetivos, desenvolvem-se na pessoa três disposições do eu, que se transcende. Há na pessoa a capacidade de desenvolver com o tempo a predisposição do eu que busca valores autotranscendentes, isto é, morais e religiosos. A pessoa faz perguntas sobre os valores morais e objetivos que encontra, é intencionalidade consciente. Esta leva a autotranscendência. Há três predisposições para as três classes de valores agem simultaneamente no mesmo eu onde está presente uma dialética de base entre o eu transcendido e o eu transcendente, em geral ligado aos valores.

Rulla (1987, p. 205), fala que as três dimensões se desenvolvem e formam com o crescimento da criança, como consequência de sua interação com os valores que encontra e dessa interação surgem estas três disposições diferentes para os valores.

A primeira dimensão deriva da ação das estruturas conscientes e precisamente da harmonia maior ou menor entre o eu ideal consciente e o eu atual prevalentemente consciente, esta é a dimensão que dispõe para a virtude ou o pecado; a segunda dimensão deriva da ação concomitante das estruturas conscientes e inconscientes, isto é, ela leva em conta tanto a harmonia maior ou menor entre o eu ideal e o eu atual prevalentemente consciente, com a oposição maior ou menor entre eu ideal e eu atual inconsciente; é a dimensão que pode ser chamada de bem real ou bem aparente, conforme prevalecer a harmonia ou desarmonia. A terceira dimensão é a que caracteriza a normalidade ou a patologia, ela se desenvolve prevalentemente pela força motivadora dos valores naturais, enquanto que a segunda se desenvolve pela força motivadora dos valores naturais e autotranscendentes combinados.

Neste item, foi possível perceber que a pessoa humana tem condições de chegar à autotranscendência de si, mas depende muito da maior ou menor harmonia que existe dentro dela e do espaço de liberdade interior que dispõe, pois toda pessoa tem uma liberdade em potência; efetivamente, porém, nossa capacidade é reduzida. O ideal é alargar a possibilidade de sermos totalmente livres; no exercício da prática somos efetivamente livres, mas o grau de liberdade efetiva vai depender do grau de maturidade de cada pessoa.

1.3 A autotranscendência teocêntrica no Amor

Toda a criatura humana possui em si a potencialidade de se autotranscender de alguma forma. Esta capacidade é algo inato na pessoa humana e processual.

Rulla (1987, pp. 168-172) ao comentar o estudo de De Finance existem três tipos de autotranscendência: a Egocêntrica, a Filantrópica Social e a Teocêntrica.

A autotranscendência Egocêntrica tem como fim o aperfeiçoamento da pessoa; a Filantrópica social tem como meta o aperfeiçoamento da pessoa e da comunidade humana através da abertura para o outro; e por fim, a Teocêntrica o fim último é Deus, isto é, desapegar-se de si mesmo para se transcender em Deus.

Este processo transcendental compreende três fases específicas, conhecidas como as fases da autotranscendência: a do conhecimento, a da moralidade e a do amor (LONERGAN, *apud* RULLA, 1987, p 169)

Rulla (1987, p. 169), descreve estas três fases da autotranscendência como uma tendência que existe no homem de fazer perguntas e buscando respostas para estas perguntas ele se autotranscende:

“Respondendo a essas perguntas sobre o inteligível, o verdadeiro, o real, o bom o homem pode autotranscender-se. Com efeito, quando ele passa a perguntas e respostas pela inteligência e pela reflexão, ele se transcende intelectualmente, obtendo o conhecimento. Entretanto, a autotranscendência no conhecimento é só racional e cognitiva. Com a autotranscendência moral, dá-se um passo a mais, porque com o que é moral nós chegamos a conhecer e a fazer o que é verdadeiramente bom. Essa é uma verdadeira autotranscendência, porque é mover-se além de tudo que são apenas satisfações pessoais ou interesses, gostos e preferências e procurar o que é bem real. Na autotranscendência do amor, o isolamento do indivíduo é rompido e ele funciona não só para si mesmo, mas também para os outros”.

Pode-se dizer então, que estas três fases da autotranscendência fazem parte do processo transcendental das três autotranscendência citadas anteriormente, mas é bom saber que mesmo desejando chegar a autotranscendência teocêntrica, nem sempre o homem consegue atingi-la porque, por mais que seja naturalmente impulsionado a si transcender, ele se depara também com a sua condição de homem limitado que precisa de auxílio, especialmente de contar com a graça divina para atingir a este fim.

Portanto, numa perspectiva mais antropológica, vimos que o ser humano é propenso à autotranscendência e que é possível se transcender em diversos níveis. Por isso, em si tratando da antropologia cristã é possível que o homem se transcenda teocentricamente num diálogo amoroso entre o Criador e a criatura.

De Finance (*apud* Rulla, 1987, p. 174) diz que é preciso reconhecer que o impulso para o Ideal não é possível senão por causa da presença atraente e aspirante do Ideal subsistente e, para dar-lhe o nome com que o invoca a consciência religiosa, de Deus. É Ele e só Ele – o Outro absoluto e sem embargo a nascente da minha ipseidade – que, mesmo quando me dá a mim mesmo, me arranca ao meu eu; é a sua presença que introduz em mim um princípio de tensão interior e de ultrapassar a mim mesmo.

Com estas afirmações de De Finance, pode-se dizer que o homem só encontra sua completa realização plenamente em Deus e por isso busca sua autotranscendência Nele.

O pressuposto principal para a autotranscendência Teocêntrica é a capacidade do homem de reconhecer-se à imagem e semelhança de Deus e de dar resposta ao chamado divino. Isto, porém, só é possível através da ação da graça divina que permite ao homem chegar ao conhecimento de Deus.

De acordo com Rulla (1987, p. 279), todos os homens são chamados a estabelecer um diálogo de amor com Deus, um diálogo que se realiza em Cristo e com o seu Corpo Místico pelo dom do Espírito; nesse diálogo, o homem realiza a si mesmo. O conceito de homem como imagem de Deus indica para o homem uma abertura para Deus e lhe dá a possibilidade de se encontrar com Ele.

De fato, a famosa frase de santo Agostinho: “Senhor, fizeste-nos para ti e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em ti,” (Santo Agostinho) ilustra bem esta inquietude que existe na pessoa humana de encontrar-se com o Criador, mas isto só é possível se houver um esforço e uma busca da parte do homem para este fim. Portanto, é necessário um processo de decisão que o leve e o atraia para o Transcendente.

Marilene Brandão (1984, p. 11), diz que por meio da assimilação das realidades diversas, diferentes do homem, este toma consciência de si mesmo como sujeito espiritual, diferente dos objetos. E esta só é possível em razão da consciência que o homem tem do Absoluto Infinito. Apenas a consciência implícita, por meio de uma compreensão subjetiva de um Infinito ilimitado e absoluto, torna o homem capaz de ver, por contraste, o caráter limitado de forma sensível.

Assim, fica claro que é através do reconhecimento de si como ser limitado que o homem sente a necessidade de encontrar-se com uma realidade absoluta e infinitamente maior que ele. Porém para chegar a fazer este processo a pessoa precisa fazer um caminho de conhecimento que perpassa quatro níveis de operação.

Estes quatro níveis de operação são descritos por Rulla (1987, pp. 166-167) de acordo com o método transcendental de Lonergan. Segundo ele, o primeiro nível é o da experiência sensorial; essa experiência é constituída pelas sensações, imaginações, reações, ou tendências emotivas e agressão, de dependência afetiva, etc., e se temos que tomar uma decisão, uma escolha (como a da vocação), os aspectos atraentes ou repelentes dessa experiência assumem força particular. O segundo nível é o da intelecção que, no caso de uma escolha a se fazer, deve ser entendida como cognição prática, isto é, não uma intelecção do que uma coisa é, mas daquilo que se pode fazer. O terceiro nível é o da reflexão crítica e do juízo de valor, aqui o

sujeito passa a examinar não só o caminho de ação, como também suas conseqüências, seus motivos, as alternativas possíveis com suas conseqüências e razões; depois desta reflexão vem o juízo de valor que afirma que o curso de ação visto é verdadeiramente bom, ou só aparentemente bom, ou então o melhor ou pior dos caminhos alternativos.

Por ultimo, ele descreve o quarto nível que é o da responsabilidade e decisão que está implicitamente operativo em todos os níveis precedentes, mas que só é explícito e completo na decisão final, quando se passa do conhecer ao agir por meio de uma deliberação. A decisão segue um juízo de valor e expressa a aceitação ou rejeição para agir segundo esse juízo. Por isso, a decisão pode estar em desacordo com o juízo de valor, uma vez que um homem pode saber o que é justo, sem o fazer.

Estes quatro processos de conhecimento, descritos acima, exercem uma influência muito forte em todo e qualquer caminho de autotranscendência e ainda mais quando se fala de autotranscendência teocêntrica. Além disso, estes processos também estão na base de toda a opção vocacional, o que requer um dinamismo consciente e uma escolha livre por parte de quem faz esta opção.

De fato, a liberdade da pessoa é um dos requisitos principais para que a pessoa possa chegar a um caminho de autotranscendência e, liberdade aqui significa ser livre de todo e qualquer condicionamento que impeça a pessoa de ser consistente com a escolha que faz e com os valores que proclama, o que exige maturidade.

Rulla (1987, p. 284), diz que a liberdade humana tem não só um caráter psicológico de capacidade para escolhas conscientes e pessoais; ela possui essencialmente um caráter mais profundo, que é ontológico e, ao mesmo tempo teocêntrico: o homem é livre, sobretudo porque na base e em força de sua liberdade, é chamado a tomar posição diante de Deus.

Como vimos, todo homem é naturalmente inclinado e chamado a autotranscender-se no amor de Deus, mas é um caminho que só é possível para aqueles que se decidem a percorrê-lo na via estreita da perfeição evangélica que somente os grandes santos conseguiram atingi-la e pode-se dizer que Padre Nicola Mazza fez parte deste coro de bem-aventurados.

CAPÍTULO II

CONTEXTO ONDE SE INSCREVE A VIDA DE PE. MAZZA

Neste capítulo iremos aprofundar a realidade em que viveu Pe. Mazza para entendermos o motivo pelo qual ele direcionou o seu viver e se autotranscendeu no Amor à Cristo e aos irmãos.

2.1- Realidade sócio-econômica, política e religiosa no século XIX

O século XIX foi um período da história marcado por grandes conflitos políticos, dentro da Itália e no mundo todo por muitas mudanças principalmente de mentalidade, mas também em todos os aspectos da vida social, cultural, política, econômica e religiosa, pois estamos falando do século que marcou a história da humanidade por haver causado nela um enorme processo de mutação que perdura até os nossos dias.

Mattos (1997, pp. 205-206) diz que **três movimentos revolucionários** marcaram uma ruptura entre a época anterior e posterior ao século XIX: a **revolução espiritual** – o iluminismo – que deu à luz uma mentalidade que, face à aceitação passiva e à obediência submissa, característica da fé tradicional, pôs sua força na ação crítica da razão e no questionamento dos valores tradicionais; a **revolução industrial** que provocou uma tal mudança no sistema de produção, que abriu para a humanidade perspectivas de progresso

material nunca antes conhecidas. O capitalismo começou a explorar as riquezas, aproveitando-se em larga escala das novas conquistas da ciência e da técnica. Infelizmente era acompanhado de uma abominável exploração da força física e da saúde humanas, que ultrapassava todos os limites toleráveis. E por fim a **revolução política** que começou nas treze colônias norte-americanas e na França. Explodiu primeiramente na França, eliminando antigos sistemas de governo e de organização social. Ganham cidadania os novos conceitos de liberdade individual, soberania popular e igualdade de todos perante a lei.

A revolução industrial trouxe ao mundo um sistema de produção que solidificou as bases do capitalismo de características selvagens e explorador da matéria-prima da natureza. Com isso veio a necessidade da mão de obra e daí o êxodo rural. Portanto, o povo saiu do campo e passou a viver nas grandes cidades, cuja situação de vida era totalmente desprovida das condições de uma vida digna, pois submetiam-se a trabalhos incansáveis em oficinas sem ventilação e com total falta de higiene. Neste mesmo contexto trabalhavam também mulheres e crianças, já que eram presas fáceis de se tornarem máquinas de exploração a serviço do sistema (SILVA, 2000, p. 26).

A revolução industrial tornou-se portanto um marco histórico importante entre as mudanças significativas do século XIX porque trouxe para a Europa modos de vida diferentes: passou-se da vida camponesa baseada na agricultura à vida urbana baseada na indústria. Se antes valiam os produtos artesanais e agrícolas agora passavam a valer os produtos das indústrias. Conseqüência disso foi a cultura do consumo que se desencadeou ao redor dos produtos das fábricas, cujas conseqüências podemos sentir ainda hoje de forma mais acentuada.

Segundo Eluiza Maria (2000, p. 26) toda a Europa sofreu durante os séculos XIX os abalos da revolução francesa e por isso a Europa se encontra num caos social e religioso, mas ao mesmo tempo, a revolução ofereceu aos países dependentes a possibilidade de se libertarem.

Além disso, uma outra conseqüência da revolução francesa foi a ruptura do velho equilíbrio para se ter acesso a uma visão mais moderna da vida política e social que não pudesse ignorar este princípio: os antigos regimes tinham que ser renovados quando não respondessem às crescentes exigências das classes. Isso, porém, através de uma concreta indicação dos valores ao redor dos quais deveria recompor os institutos necessários à vida ético-social (ALBRIGI et al, 1966, p. 13).

Além dessas mudanças causadas pela revolução industrial, ocorriam também transformações em relação à percepção que se tinha da pessoa humana, pois passou-se a dar mais valor à individualidade da pessoa.

De acordo com Flavia Facchetti (1997, p. 09), no final do século XVIII e durante o século XIX se realiza de modo definitivo e orgânico, no aspecto social, o modelo individual (e do individualismo, como modelo sócio-cultural), que conquistou significado não só jurídico, mas também social e econômico. No centro da estrutura social se coloca o indivíduo na sua dúplice e não ainda conflitual identidade: pública e privada. Portanto, a história deste século XIX se caracteriza através e, sobretudo desta mutação: entre sociedade civil e privada, íntimo e pessoal.

Toda a Europa sofria as conseqüências e os abalos que ocorreram anteriormente e durante o século XIX. Daí pode-se ter uma idéia de como era a situação da pequena cidade de Verona localizada no norte da Itália e lugar da atuação de pe. Nicola Mazza durante o século XIX.

A Itália estava sob o poder dos austríacos e dos franceses, a cidade de Verona, de modo particular nos anos de 1801-1805, estava dominada do lado esquerdo do rio Ádige³ pelos austríacos e do lado direito pelos franceses. Este foi um dos períodos mais sofridos da história da cidade de Verona, pois foram anos de ocupação militar, cujo poderio associava, como de costume, fazer o povo daquela população pagar o alto custo dos mantimentos militares e ao mesmo tempo deixavam como herança seus maus costumes corruptores das tradições do povo veronense (ALBRIGI, 1966, p. 13).

As primeiras décadas de 1800 são caracterizadas pela abstrata ostentação dos princípios de liberdade e de igualdade, cujos efeitos agravam ainda mais as condições das classes populares, que como sempre, pagam oprimidas pelos erros das categorias dirigentes. Mas, ao mesmo tempo as populações ricas pagaram com o preço de uma grande crise econômica (ALBRIGI, 1966, p. 13).

³ O Rio Ádige localiza-se no centro da cidade de Verona e corta toda a cidade.

Portanto, entre crises econômicas marcadas pelas mudanças sócio-culturais e entre guerras militares, pode-se deduzir o momento de grande tensão e de grande miséria em que se encontrava a Itália durante a atuação de pe. Nicola Mazza.

Toda a Europa se encontrava num momento de grandes crises e mudanças que afetavam também o aspecto religioso e eclesial, não era mais possível continuar com aquela a visão teocêntrica que se sobrepunha a todas as outras visões e impedia o desenvolvimento de qualquer outra maneira de conceber a natureza humana e a história.

O princípio da liberdade religiosa inaugurou uma nova época no relacionamento igreja – estado, pois já no século XVIII, a idéia segundo a qual o estado possuía o direito e o dever de impor a seus súditos a verdadeira religião havia cedido lugar a uma política de tolerância que desembocaria no princípio da liberdade religiosa. E foi no decorrer do século XIX que esta evolução obteve sua confirmação jurídica nas constituições das nações. Conseqüentemente, muitas das situações de conflito entre igreja e estado durante o século XIX, se explicam pela novidade do fenômeno e sua interpretação na prática (MATTOS, 1997, p. 208)

De acordo com Eluiza Maria (2000, p. 27), a igreja se encontrava dividida em dois grupos: os liberais, que comungavam com as idéias do liberalismo e os ultramontanos (= além das montanhas) que eram ligados a Roma e à tradição, pois eram bastante fideístas e tradicionais. Além disso, começaram a surgir correntes religiosas e espirituais, tais como: o agnosticismo e o ateísmo que dispensava todo o tipo de crença.

Durante este período o imperador Napoleão Bonaparte havia assumido o poder e tinha como política a restauração da ordem social, por isso, redigiu uma nova constituição que possuía uma aparência republicana, mas que na verdade estabelecia um verdadeiro regime monárquico (BLECHER, *apud*, SILVA, 2000, p.27). A sua principal aliada na implementação do seu objetivo foi a igreja, pois o imperador fez uma concordata com o papa Pio VII controlando todo o sistema de ensino (BLECHER, *apud*, SILVA, 2000, p. 27).

Sabemos que o processo de separação entre igreja – estado foi longo e ao mesmo tempo tenso, pois a igreja não queria perder o seu prestígio diante dos povos e da alta burguesia, por isso, percebemos que ao longo dos séculos haverá sempre essa luta entre aqueles que querem dar um passo além e aqueles que desejam permanecer no mesmo lugar de destaque, poder e tradicionalismo.

Conforme Henrique Cristiano (1997, pp. 227-228), com a eleição do papa Pio IX em 1846, os liberais e nacionalistas italianos exultaram porque, antes de ser papa, Pio IX havia

escrito um livro que defendia a unidade italiana e a liberdade e participação do povo no governo. Além disso, uma das suas primeiras medidas da sé romana, em relação ao governo civil do estado pontifício, alimentava a esperança de que adotaria uma orientação mais aberta. Porém, tal atitude durou pouco, apenas dois anos. Em 1848 eclodiram revoluções de caráter liberal e Pio IX voltou atrás.

Mais ou menos em 1850, ocorreu na história um fenômeno até então desconhecido pela dimensão que assumiu: a grande massa do povo começou a participar, de modo direto, na vida política e cultural. Por isso, todos os grupos de influência procuravam as “graças” do povo: o político, para fins de poder (eleitorais ou militares); o econômico, para fins de venda de seus produtos; o espiritual, como terra virgem de recrutamento. Esses acontecimentos significaram para a igreja um desafio novo e incomum, pois até então ela tinha se confrontado com governos em pouco ou em nada representativos do povo. Estado e sociedade encontravam-se justapostos, com fracos laços de união. Já no campo espiritual, a igreja contava apenas com uma reduzida camada de intelectuais à sua frente. Entre estes e a grande massa do povo havia o profundo abismo do analfabetismo. As correntes modernas espirituais, que separaram cada vez mais o cristianismo do mundo, do pensamento sócio-político, da ciência e da arte, quase nem tocavam a grande massa do povo. Enquanto havia uma não-aceitação da igreja, por princípio ou por ateísmo declarado, da parte dos intelectuais, da parte do povo havia uma prática religiosa que deixava muito a desejar, pois faltava maior conhecimento da fé, consequência de uma pastoral precária, causada pela escassez de sacerdotes, pela formação presbiteral superficial, pela expansão geográfica das paróquias e pela pouca colaboração entre párocos e episcopados (em razão das grandes diferenças de status social). Tudo isso causou um afrouxamento religioso e gerou um formalismo desanimador, que marcou a vivência da religião católica na primeira metade do século XIX (MATTOS, 1997, p. 229-230).

Como pudemos perceber, a cara da igreja durante o século XIX é uma cara desfigurada pelas mudanças que ocorriam, mas ao mesmo tempo procurava atitudes para sobreviver aos vendavais das não poucas crises que a insegurança do novo que estava surgindo se lhe propunha. Sem dúvidas uma primeira reação foi se fechar às novidades que vinham surgindo, porém, a percepção de que fechar-se não seria o melhor caminho a fez procurar trilhar metas que a fizessem, senão abrir-se, pelo menos sobreviver ao longo da história.

Neste item vimos um pouco como era a realidade do século XIX, no próximo item se falará sobre a vida e a obra de Pe. Nicola Mazza para se entender melhor qual foi a sua resposta de amor aos apelos de sua época.

2.2- Vida e obra de Pe. Nicola Mazza

Nicola Mazza nasceu na cidade de Verona (Itália), no dia 10 de março de 1790; era o primogênito entre oito irmãos e muito desejado pelos seus pais.

Batizado no dia seguinte, recebeu o nome de dois santos que faziam parte do devocionário da família: Nicola Tolentino, o santo agostiniano da austeridade e da adoração, e Felipe Neri, o apóstolo da juventude na cidade de Roma em 1500. Percebe-se portanto, que este homem vem de uma família muito religiosa e fiel à Igreja. Seu pai, Luigi Mazza, era comerciante de seda e tinha boa condição financeira, tanto que comprou uma chácara num povoado chamado Marcellise a uns doze quilômetros de Verona onde havia uma capela dedicada à mãe de Deus. A mãe, Rosa Paiola, era muito jovem quando Nicola Mazza nasceu, pois tinha apenas 19 anos, mas soube educar na simplicidade e na piedade (ALBRIGI, 1965, pp. 11-12).

Os relatos de sua primeira infância mostram que era um menino muito frágil e delicado, sujeito a adoecer com facilidade, mas por outro lado, mostrava-se dotado de um caráter enérgico, sensível, vivaz, que o levava facilmente à irritação mas também à compaixão por qualquer miséria humana. Era uma criança muito fácil de se irritar e quando o contradiziam ficava muito vermelho e chegava a chorar, mas a mãe com muita sabedoria soube trabalhar este caráter do filho e aos poucos conseguia acalmá-lo. Logo cedo começou a usar a razão e fazia todo o tipo de perguntas ao pai, à mãe e aos amigos da família; parecia revelar desde então uma inclinação muito forte para usar a reflexão e o raciocínio. Mas, a mãe por outro lado procurava alimentar no filho o nobre sentimento da caridade cristã e encontrou em sua alma muita adesão na compaixão pelos sofredores, pois quando algum pobre se apresentava à porta de casa era Nicolinha o escolhido para levar a esmola; quando saía de casa levava sempre os bolsos cheios de moedas para dar aos pobres que encontrava no caminho (ALBRIGI, 1965, pp. 15-16).

Percebe-se que Pe. Mazza nasceu no seio de uma família burguesa que tinha condições de pagar a um professor para lhe ensinar em casa e de lhe oferecer uma vida digna para seu

desenvolvimento. Mas a vida deste homem não foi marcada só por mordomias, pois desenvolvimento ocorreu no momento em que a Itália estava sob o domínio de Napoleão e de suas tropas e a cidade de Verona se tornou um dos seus palcos de guerra.

Segundo Pietro Albrigi (1965, pp. 17-18) no ano anterior ao nascimento de Nicola Mazza, começou na França a Revolução Francesa e Napoleão a espalhou levando fogo e ferro a toda a Europa. A cidade de Verona foi palco de vários combates com conseqüências terríveis para toda a população: houve destruições por parte dos exércitos, incêndios, devastações, saques, com graves desajustes também para a paz dos lares. A família de Luigi Mazza mudou-se para a chácara de Marcellise a fim de evitar a agitação da cidade e conseguir viver com maior tranqüilidade. Apesar disso, Nicola não perdeu nenhum ano escolar, pois provavelmente concluiu o primeiro grau estudando em casa com um professor particular, um dos professores que mais o acompanhou, pelo menos até os 17 anos foi Pe. Antônio Cesari que era amigo da família.

Nicola Mazza cresceu então dentro deste aconchego familiar e no meio deste clima de agitação que a Europa toda estava vivendo com a Revolução Francesa e com as guerras napoleônicas que se espalhavam e devastavam as cidades por onde passavam. Foi este clima que favoreceu o seu desenvolvimento no espírito caritativo e na sensibilidade pelas necessidades dos outros.

Com o passar dos anos, os pais e os amigos de Nicola Mazza iam se perguntando se ele não iria ser padre, já que muitos elementos contribuía para alimentar este pensamento: a religiosidade dos pais, a sua caridade pelos pobres, a amizade e o exemplo de alguns sacerdotes do seminário. Porém, um elemento negativo que contribuiu muito para esta decisão foram os desastres causados pela guerra no sentido moral e religioso. Tudo isso fazia com que o jovem Nicola quisesse não só lutar com toda a sua força contra o desespero e o empobrecimento do povo, mas desejasse assumir o sacerdócio. No entanto, ao mesmo tempo em que sentia atração por essa missão, era tomado por um certo medo devido ao compromisso que o esperava. Mas, confiante na oração e no conselho de pessoas sábias decidiu colocar sua vida nas mãos de Deus e ingressar no seminário para continuar os estudos de filosofia e teologia, porém sem ficar no internato devido a sua saúde frágil. Neste período começava então a se normalizar a situação social pós-guerra, dessa forma ele pôde continuar freqüentando a escola normalmente; sua inclinação principal era pela matemática, matéria em que tornou-se professor posteriormente. Enquanto isso, preparava-se para receber a ordem e estando no segundo ano teológico recebeu o diaconato no dia 14 de março de 1812 e no dia 26 de março de 1814, dia tão esperado por Nicola Mazza, foi ordenado padre; na véspera

deste grande dia, dizia para seus amigos: “Amanhã serei sacerdote, reze a Deus por mim, para que eu saiba ser um sacerdote útil à Igreja” (ALBRIGI, 1965, pp. 23-31).

Segundo Emilio Butturini (1990, p. 19), esta preocupação de Nicola Mazza de ser útil à Igreja, era uma preocupação expressiva na personalidade dele, mas também era algo do clima histórico no qual há décadas se tendia com facilidade a dar diplomas inúteis a sacerdotes e a religiosos. Esta preocupação deve-se também às novas tempestades culturais, difusas no mundo católico e tendente a devolver visibilidade e relevância social sobre a ação da Igreja no mundo.

A ordenação sacerdotal de Pe. Nicola Mazza foi o primeiro grande passo para uma vida de doação e de entrega a Deus no serviço aos mais pobres e excluídos, mas dotados de sabedoria e inteligência. Aconteceu no ano da desocupação de Verona das tropas Napoleônica: era o início de uma grande reconstrução da cidade na busca de estabilidade da ordem social e da própria comunidade cristã que também havia sido abalada pelas guerras napoleônicas.

Nos primeiros anos de sacerdócio, Pe. Nicola Mazza participou com entusiasmo, deste processo de reconstrução e começou suas atividades do ministério sacerdotal, sendo confessor, ensinando, ajudando aos pobres e consolando os aflitos. Esta foi a sua vida por mais ou menos quatorze anos. No entanto meditava frequentemente sobre as injustiças da sociedade e sentia-se empurrado a encontrar uma solução adequada, e na medida em que a Providência ia lhe abrindo novos caminhos, ele assumia com coragem a sua missão, tornando-se pai das órfãs, educador dos estudantes pobres e apóstolo da África.

Suas obras de caridade mais conhecidas e desenvolvidas tiveram início sem que ele se preocupasse muito em instituí-las. Antes de qualquer coisa ele se preocupou em dar uma resposta mais rápida aos problemas mais urgentes.

Um dia, indo à Marcellise para o ministério de todos os domingos, conheceu um menino muito bom e inteligente chamado Luis Dusi, era filho de um carpinteiro. Nicola Mazza achou muito errado que aquele menino permanecesse analfabeto e sem possibilidade de desenvolver seus dons e, como o pai não tinha recursos para promover seu filho nos estudos, ele mesmo assumiu as despesas; levou-o para Verona e o colocou como pensionista de uma boa família que ele conhecia (BUTTURINI, 1990, p. 62).

Pouco tempo depois, sempre em Marcellise, conheceu mais um rapaz chamado Alessandro Aldegheri, que tinha as mesmas virtudes de Luis Dusi e vivia nas mesmas condições. Levou também este a Verona e assumiu as despesas de seus estudos. Os dois tiveram um ótimo sucesso nos estudos e se tornaram excelentes padres:

Pe. Luis Dusi foi professor de Sagrada Escritura no seminário de Verona e poliglota: sabia de cor a Bíblia e conhecia vinte línguas. Pe. Aldegheri ensinou direito Canônico no mesmo seminário e foi chanceler da Cúria episcopal. Ambos foram também colaboradores de Pe. Mazza em suas obras (tradução nossa) (ALBRIGI, 1965, p. 55).

Mas, estes dois encontros foram apenas uma remota gênese do início das obras de Pe. Mazza, pois o inesperado ainda estava para acontecer.

Aconteceu que ele se deparou também com a miséria de outra forma: meninas órfãs ou em perigo moral, precisando de uma solução imediata. Ele logo se interessou de colocá-las em algum orfanato, assumindo as suas despesas. Fez isso sem pensar logo de imediato em algo de novo. Mas o problema exigia algo mais concreto e eficaz, e assim, quase sem perceber Pe. Mazza dá início as sua fundações.

Segundo Pietro Albrigi (1965, pp. 58-59), em 1828 Pe. Nicola Mazza, exercendo as obras de caridade, como sempre fazia, teve que tomar conta de duas irmãs que podiam perder a inocência por causa da má conduta da mãe. O pai, que era bom mas não tinha condições financeiras para cuidar das meninas, as entregou a Pe. Mazza para que as educasse. Este alugou dois quartos e pediu a uma mulher, boa e caridosa, para criá-las. Pensando ele que fosse algo provisório, pensava em, assim que tivesse possibilidade, colocá-las num dos internatos já existentes, como já havia ocorrido outras vezes. No entanto, outros casos apareceram e Pe. Nicola Mazza acolhia as necessitadas, amparando-as junto às duas irmãs. E, em pouco tempo o número de meninas acolhidas por ele chegou a 17; então, pensou em alugar uma casinha e pediu a outra mulher para ajudar a primeira. Mas, deparando-se com este número grande de meninas percebeu que não poderia colocá-las mais em outras instituições como havia pensado no início, outra solução seria necessária: permanecer com as meninas e iniciar uma obra em favor delas.

Esta foi portanto, a origem do Instituto Feminino. Vimos no entanto, que o início do Instituto Feminino não foi muito planejado e nem pensado enquanto uma entidade instituída, já o Instituto Masculino, foi pelo menos bem mais planejado que o Feminino.

Na prática, os primeiros membros do Instituto Masculino foram Luis Dusi e Alessandro Aldegheri, pois foram os primeiros jovens a serem promovidos de acordo com os ideais de Pe. Nicola Mazza. Porém, de início os dois foram educados e acolhidos na casa de uma família conhecida de Pe. Mazza como vimos anteriormente.

De acordo com Pietro Albrigi (1965, pp. 86-87), se a obra das órfãs foi o primeiro dos institutos fundados por Pe. Nicola Mazza, não foi porém o primeiro dos quais havia pensado: a obra primogênita no seu ideal e num início informal, mesmo se segunda na execução institucional, foi aquela dos estudantes pobres. Sobre esta ele pensou por muito tempo, com paixão, desde os primeiros anos do sacerdócio e começou de modo experiencial desde 1819 com Dusi e Aldegheri: assim, quando ela nasceu em 1832, pode-se dizer que já estava madura e adulta. Esta não foi, portanto, improvisada pela urgência de uma necessidade imprevista, mas elaborada e preparada por longo tempo antes do seu início com finalidade e diretrizes bem definidas.

O que levou Pe. Nicola Mazza a fundar esta obra foram duas idéias convergentes: uma de cunho religioso que era favorecer o engajamento dos leigos na missão da Igreja e a outra de cunho social que era favorecer a promoção humana. Portanto, a idéia era associar na sua intuição o aspecto social com o apostolado (ALBRIGI, 1965, p. 87)

Foi o bom resultado que teve com os dois primeiros rapazes que o fez querer ir para frente com suas idéias abrindo uma casa para estudantes pobres a fim de oferecer-lhes a oportunidade de favorecer-lhes a promoção humana e o desenvolvimento de todas as suas capacidades.

Pe. Mazza havia refletido desde a sua juventude sobre o fato de que Deus ao dar os seus dons não leva em consideração as classes sociais, pois tanto entre pobres trabalhadores mais humildes como entre os ricos, indistintamente se pode encontrar pessoas com capacidades superiores:

“Desde os primeiros anos da minha juventude (tendo agora 54 anos de vida) me doía ver homens capazes de grandes possibilidades intelectuais conduzir a vida constringidos a trabalhos manuais, nos quais para fazer estes trabalhos alguém com metade da inteligência poderia bastar .

Me chorava o coração por isto e me parecia um grande defeito da sociedade. Me parece que a sociedade deve ser um corpo composto de vários membros, os quais segundo os vários ofícios da mesma devessem ser adaptados e sendo que em um corpo a mão não pode fazer o papel do pé, nem o pé aquilo que pertence à mão, nem o pé e nem a mão aquilo que pertence à cabeça, assim, me parecia que na sociedade deveria ser assim mesmo e por isso quem dos homens tivesse o dom da força a ele somente estaria bem um papel de força e quem tem capacidade de mente a ele somente deveria pertencer os nobres e não fáceis papéis de administração, dessa maneira, desenvolvendo-os (pessoas inteligentes) o resultado é o bem da sociedade e do estado.

Tais pensamentos me vinham sempre na mente e sentia um desejo que tais jovens conhecidos, privados de meios para ser instruídos fossem acolhidos; aliás me parecia que a mesma sociedade o devia fazer porque deles a sociedade teria ou formaria aqueles membros dos quais tanto necessitava e com este meio poderia mais facilmente conhecê-los em todos os aspectos, poderia a eles confiar aqueles papéis pelos quais por disposição natural e por idônea instrução seriam mais aptos a dispor-se (tradução nossa) (MAZZA, scritti, 2000, pp 341-342)

Ele estava convencido de que Deus queria que estes dons fossem aproveitados. Porém, apesar de muitos no seu tempo levantarem a bandeira da igualdade erguida com tanto entusiasmo pela Revolução Francesa, a ordem social existente não oferecia a todos os jovens a possibilidade de uma formação superior. Por isso, decidiu pôr mãos à obra e abrir uma casa para estudantes pobres e inteligentes cujos pais não tinham condições de mandá-los à escola. Para isso, recebeu uma doação de edifícios, entre os quais uma Igreja dedicada a São Carlos, por isso, comumente o Instituto Masculino era chamado de S. Carlos.

Um outro ideal que Pe. Nicola Mazza tinha e que lutou até a morte para a sua realização foi o projeto missionário na África, pois na sua época começava a se desenvolver na Europa o projeto de expedições missionárias para outros continentes, e de modo especial para o continente africano.

Apesar de nunca ter conseguido ir à África, Pe. Mazza sonhou muito com ela e tinha o projeto de “salvar a África com a África.” Por isso, desenvolveu um projeto e procurou entre seus alunos que se tornaram sacerdotes quem tinha vocação para a missão, a fim de enviá-los à África. Conseguiu que um dos seus sacerdotes chamado Angelo Vinco fosse até a África com a Propaganda Fide⁴ a fim de explorar o ambiente e abrir caminhos para a missão. Este, após ter ficado um ano no Cairo (Egito), partiu para Cartum, na África Central, e tendo partido para a África em 1846, precisou retornar à Itália em 1849 devido a muitas dificuldades em busca de meios econômicos e pessoas. Após ter conseguido os meios necessários retornou outra vez à África e conseguiu se instalar na tribo dos Bátis. Enquanto isso, novas vocações missionárias surgiram, entre elas a vocação de Daniel Comboni (fundador dos combonianos) que também foi um dos estudantes pobres e missionário no projeto de Pe. Mazza (ALBRIG, 1965, pp. 135-137).

O plano missionário de Pe. Mazza na África consistia em fazer com que os missionários, uma vez instalados na lá, enviassem para a Itália meninas e meninos negros para que fossem instruídos lá e pudessem com os estudos completados retornarem à África. Assim,

⁴ Propaganda Fide era a Congregação da Santa Sé que cuidava do envio de missionários para toda parte do mundo.

instruídos poderiam ajudar ao próprio povo a se libertar da escravidão a que estavam submetidos. Por isso, a expressão: “salvar a África com a África.” (GUASCO et al., 1990, pp. 400-401).

A missão na África foi sem dúvida um sonho que se realizou em parte porque alguns missionários conseguiram chegar até a África e trazer alguns africanos para Itália a fim de serem instruídos como era o plano, mas metade dos missionários que foram para esta terra de missão morreram.

A maior expedição que Pe. Mazza conseguiu mandar para a África foi em 1857 com cinco missionários, entre eles Daniel Comboni e um leigo, mas três deles morreram, um atrás do outro. Restaram Daniel Comboni, doente de malária, outro missionário mais velho, Giovanni Beltrame e Alessandro Dal Bosco, que retornaram para Itália. No entanto, também as missões franciscanas fracassavam por causa da morte de seus missionários, todas as estações da missão da África Central foram fechadas e agregadas àquelas do Egito, ou seja, foram praticamente suspensas. Mas, quando tudo parecia perdido, a obra foi retomada vigorosamente por Pe. Daniel Comboni. Ele era o mais jovem dos missionários de Pe. Mazza e por isso até aquele momento tinha ficado em último lugar, na sombra, mas tinha um físico e uma moral superior a todos os outros, pois lembrando o incentivo de Pe. Oliboni⁵ que morreu em Santa Cruz, após a morte de Pe. Mazza, Daniel Comboni levou para frente autonomamente este projeto (ALBRIGI, 1965, pp. 152-157).

Aqui, pudemos conhecer um pouco da vida e da obra de Pe. Nicola que sonhou com uma sociedade diferente, onde todos poderiam ter o seu espaço desenvolvendo as suas capacidades e aspirações. Ele morreu no dia 02 de agosto de 1865 com 75 anos de idade, suas obras tiveram continuidade com seus sucessores que, com fidelidade às aspirações mazzianas, as conduziram até os nossos dias.

2.3- As Instituições Mazzianas ontem e hoje

Os dois Institutos de Pe. Nicola Mazza nasceram a partir de uma necessidade concreta existente na época em que este viveu. Porém estes dois Institutos têm finalidades diferentes, pois um nasceu para responder às necessidades das meninas e o outro para responder às

⁵ Francisco Oliboni era um dos alunos do Instituto Masculino de Pe. Mazza enviado à África na expedição missionária de 1857.

necessidades dos meninos. Daqui para frente nos deteremos em apresentar o que é específico do Instituto Feminino e o que é específico do Instituto Masculino.

Falando sobre as obras de Pe. Nicola Mazza, vimos que o Instituto Feminino nasceu em 1828 com as duas irmãs órfãs e foi crescendo rapidamente com o aumento do número de meninas. Por isso, vendo-se pressionado pelo crescente número de meninas ele se viu impelido a pensar em algo mais elaborado e organizado para responder às necessidades destas meninas.

Desta forma, ele pensou numa organização que tivesse como meta um plano de educação familiar onde as meninas teriam a possibilidade de continuar com a vida de família, cuidando dos trabalhos femininos e, com a educação, o amor e carinho de uma mãe e uma tia adotivas poderiam permanecer e se desenvolver neste clima familiar. Assim, conforme ia crescendo o número de meninas ele ia alugando outras casas, sempre na mesma rua, e ia formando pequenas famílias; em pouco tempo, o número de meninas crescia ainda mais, e com a epidemia de peste de 1836 muitas pessoas morreram deixando órfãs muitas garotas que foram socorridas por Pe. Mazza. Neste ano o número de meninas chegou a 160 na chamada “Cidadezinha da Caridade” que compreendia o conjunto das famílias de órfãs instituídas por iniciativa de Pe. Nicola Mazza (ALBRIGI, 1965, pp. 62-63).

Além de pensar numa organização familiar com uma mãe e uma tia em cada casa, ele pensou também em oferecer às meninas uma educação formal onde elas pudessem receber a educação elementar e profissional.

Para favorecer esta estrutura familiar e educacional ele colocou à frente de cada família uma mulher responsável que mais tarde chamou-se diretora e junto com ela algumas assistentes zelavam pela boa ordem e disciplina. Havia também uma administradora que junto com outras assistentes tinham a tarefa de cuidar dos armazéns, guarda-roupas e abastecer as ‘famílias’ do necessário. Outra pessoa que achou importante nesta organização foi uma professora, que era assistida por algumas instrutoras. Dessa forma, as meninas recebiam uma educação particular dentro do Instituto com o mesmo nível das escolas públicas (PRETTO, 1999, p. 140).

Para o sustento do Instituto no dia a dia ele contava com a caridade e ajuda de alguns amigos ricos que se dispuseram a ajudá-lo financeiramente, mas isso não era suficiente para educá-las de forma que pudessem no futuro se sustentarem e mais que isso: ter uma profissão para garantir o futuro.

Pietro Albrigi (1965, p. 68) diz que para o Instituto Feminino não depender só da caridade de pessoas amigas, Pe. Mazza que já tinha a experiência da sua família de trabalhar

com a seda, organizou alguns laboratórios para produzir seda que sendo devidamente trabalhada e tingida, passava a ser usada para bordados e um laboratório de flores artificiais. Ele investiu muito neste trabalho mandando algumas mulheres que colaboravam com ele receberem treinamento para que soubessem presidir os trabalhos de bordado em seda e ouro, flores artificiais e desenho. Sendo assim, ele criou escolas para trabalhos com seda e flores artificiais, com o objetivo de instruir as meninas profissionalmente e de ajudar na manutenção da obra.

O resultado do sucesso do trabalho com a seda foi uma linda obra de arte que resultou em uma seqüência de quadros e vestuários litúrgicos contando a história da salvação.

Assim, esta obra de Pe. Nicola Mazza em favor das meninas órfãs foi se constituindo e tomando forma de uma instituição organizada e reconhecida, com metas e finalidades bem definidas.

Já o Instituto Masculino foi organizado em circunstâncias diferentes do Feminino e com finalidades também diferentes, pois ele nasceu para atender as necessidades dos jovens pobres e inteligentes que não tinham condições de poder ir para a escola, não se tratava de retirá-los do perigo como era o caso das meninas, mas de promovê-los no desenvolvimento de suas capacidades intelectuais.

Os jovens do Instituto Masculino eram todos pobres, pelo menos no sentido que suas famílias não tinham os meios suficientes para sustentá-los nos estudos. Os que eram plenamente pobres, eram acolhidos gratuitamente em tudo, mas os que tinham alguma possibilidade econômica, contribuía modestamente com a própria manutenção (ALBRIGI, 1965, p.101).

Fora do Instituto eles recebiam a educação que estava mais ligada ao ensino formal e dentro do Instituto eles eram instruídos na vivência de grupo, a serem humildes e a terem uma vida simples mas digna da inteligência com a qual Deus os dotou.

De acordo com Flavio Gelmetti (1995, p. 08), esta preocupação de Pe. Mazza com a pobreza e a humildade vem da tomada de consciência das próprias capacidades e dos próprios valores, vividos com simplicidade e senso de responsabilidade, a fim de carregar os melhores frutos para colocá-los à disposição dos outros, para a renovação e a construção da sociedade.

Por isso, pode-se dizer que com a educação dos rapazes Pe. Mazza desejava que se tornassem protagonistas de uma transformação social à medida que desenvolvessem as próprias capacidades com que, por natureza, eram dotados.

E mais uma vez recorreremos às próprias palavras de Pe. Mazza para indicar a especificidade do Instituto Masculino:

“A finalidade deste Instituto é conduzir estes jovens à perfeita e completa educação em qualquer ciência ou arte, que segundo as suas capacidades e tendências poderão escolher com toda a liberdade: com isso, tenho a intenção de poder dar à sociedade, e ao Estado aqueles membros que para conduzir as coisas mais árduas, e mais difíceis, a sociedade e o Estado desejam tê-los, e que não é muito fácil tê-los. Os jovens são mantidos no Instituto em tudo, quando precisam de tudo, ou em parte, ou seja naquilo que lhes falta e não podem obter das próprias famílias; não se recebe nenhum que possa pagar a mensalidade completa; assim sendo, ou em tudo, ou em parte, deve ter a caridade na manutenção” (tradução nossa) (MAZZA, Scritti, 2000, pp. 339-340).

Sendo assim, as especificidades do Instituto Masculino são: conduzir os jovens pobres ao mais alto grau da cultura, dando-lhes a possibilidade de desenvolver todos os seus talentos com que, por natureza, eram dotados; incentivá-los a colocar as capacidades desenvolvidas a serviço da sociedade.

Parece importante ainda, concluir este item inspirando-se nas palavras de Luigi Pretto (*apud*, ALBRIGI et al., 1966, p. 89) para dizer que o Instituto Masculino se rege de fato, sobre a idéia de que de cada pessoa deve ser exigido aquilo que pode dar, segundo os seus dons e inclinações naturais que devem ser colocadas nas condições melhores, para o mais completo desenvolvimento de si mesmo; o Instituto Feminino se rege sobre a idéia do valor que existe na sociedade humana: a família, como núcleo afetivo e formativo.

Dos três institutos fundados por Pe. Nicola Mazza na Itália, surgiram três congregações religiosas: a Pia Sociedade de Padre Nicola Mazza, as Cooperadoras da Caridade e a Congregação da Caridade do Sagrado Coração – Irmãs de Padre Mazza.

Durante a elaboração e a realização de suas obras ele não se preocupou com a aprovação formal de seu Instituto Masculino enquanto uma instituição de padres, mas antes de sua morte começou um esboço do que mais tarde se chamou de Pia Sociedade de Pe. Nicola Mazza. A este esboço deu o nome de Instituto Fundamental para o qual escreveu algumas regras, que na verdade se tratavam de regras para os padres colaboradores do seu Instituto, pois ele se preocupava com a continuidade das obras após a sua morte:

Pe. Mazza, desde os primórdios de suas fundações, tinha pensado numa companhia de padres, que sustentasse as suas obras seja para dirigir seja para arrecadar os meios necessários: por isso ele a chamou de Instituto Fundamental (tradução nossa) (ALBRIGI et al., 1966, p. 263).

Segundo Albrigi et al. (1966, p. 263), em 1852 ele tinha em S. Carlos⁶ 18 sacerdotes dispostos a permanecer com ele; por isso julgou ter chegado o momento de dar início formal ao Instituto Fundamental. E, em 30 de novembro de 1852, endereçou aos seus padres uma carta, na qual expôs o plano das suas obras. Antes de tudo, falava do Instituto Fundamental: “Vos será – disse ele – o Instituto Fundamental formado de seus padres colaboradores, do qual terão forma, vida e conduta os outros corpos externos do Instituto, os quais serão o campo da caridade, já que sua finalidade geral é só a caridade, universal, evangélica.” Depois passa a falar das várias repartições, nas quais se articulam as suas obras; coloca um coordenador em cada uma e promete preparar as constituições para todas: por enquanto seguem as normas que ele diz pessoalmente.

Há nos escritos de Pe. Mazza, alguns indícios de que antes de 1852 ele tenha pensado no problema dos seus colaboradores desde o início das duas primeiras obras, o Instituto Masculino e Feminino. De fato, numa relação feita em setembro de 1838, uma das tantas em que expõe as próprias idéias e a descrição de suas obras, ele se exprime assim:

“Eis aqui em poucas linhas a idéia e a forma dos dois Institutos, um masculino e outro Feminino, que o abaixo assinado Padre venense, vosso súdito, expõe ao vosso olhar amoroso e paternal. A obra destes dois Institutos, é na minha intenção, que sejam dois dos principais, atrás dos quais a minha companhia de padres que vai se compondo (e que agora cinco são os sujeitos), tenha que assumir e se esforçar. Disse duas das principais porque a finalidade desta companhia (a qual deveria se denominar servos da Igreja e do Estado), é o bem universal da sociedade, ou seja, do Estado e da Igreja (...). Estes membros que formam esta sociedade estão, e estarão, ligados entre eles com aquelas doces ligações com que a religião católica soube ligar em formal união outros corpos (tradução nossa) (Mazza, 2000, p. 331).

Contudo, este é o único escrito que comprova esta hipótese, por isso, é mais provável que ele só tenha sistematizado e levado para frente esta idéia de institucionalizar o Instituto Fundamental em 1852.

Percebe-se portanto, que a função principal deste chamado Instituto Fundamental era a de sustentar e dar continuidade tanto à obra do Instituto Masculino quanto a do Feminino que não poderiam se sustentar por si só quando Pe. Nicola Mazza viesse a faltar.

Pode-se dizer que Pe. Mazza vai progressivamente amadurecendo a consciência de que ele mesmo deve trabalhar (e depois o Instituto Fundamental) como membro da sociedade,

⁶ São Carlos era o nome da Igreja dedicada a São Carlos Barromeu, onde foi construído o Instituto Masculino. Por isso, algumas vezes os autores se referem ao Instituto Masculino como São Carlos.

mas com um projeto próprio, sem nenhuma intenção de abandoná-lo nas mãos de entidades públicas. Procura, do contrário, o apoio e o parecer da opinião pública, pois várias vezes quando apresenta seus projetos ele assim se exprime nos seus escritos:

(...) procurando sempre que tudo aquilo que eu fazia, fosse abertamente sob os olhos de todos (p. 357). (...) Dizia a mim mesmo: faça com que todos vejam e conheçam o que você faz (p. 344). (...) para mim é suficiente que aquilo que eu faça seja conhecido e visto publicamente (...) (p. 323) (tradução nossa) (MAZZA, 2000, pp. 323-357).

Com a morte de Pe. Nicola Mazza, do Instituto Fundamental só restou o ideal, porque a estrutura foi derrubada pelo decreto do bispo, Monsenhor Luigi de Canossa (1861-1900) que obrigava a todos os clérigos que freqüentavam a escola do seminário residir no mesmo. Assim, não só desapareceram de S. Carlos os Clérigos, mas aos poucos desapareceram também os padres do curso que era chamado quadriênio⁷ após a ordenação; restaram apenas poucos idosos (ALBRIGI, 1965, p. 191).

Após a morte de Pe. Mazza, as obras mazzianas permaneceram de pé, mesmo com as dificuldade de direção devido ao decreto do Bispo. Mesmo com estas dificuldades, aqueles que desejavam se manter fiéis ao carisma mazziano, continuaram levando para frente as obras do Instituto Masculino e Feminino.

Esta companhia de padres começou de fato quando os dois jovens acompanhados por ele tornaram-se padres e se juntaram a ele. Depois destes, muitos outros jovens estudantes do seu instituto desejaram ser padres e se uniram a eles.

Assim como da obra do Instituto Masculino saiu a Pia Sociedade Pe. Nicola Mazza, da obra do Instituto Feminino saiu o Instituto da Caridade do Sagrado Coração – Irmãs de Pe. Nicola Mazza e as Cooperadoras da Caridade que hoje são instituições religiosas juridicamente reconhecidas.

As Cooperadoras da Caridade, como já foi dado um aceno quando se falou da especificidade do Instituto Feminino nasceram do grupo de órfãs que completando a formação decidiam permanecer no instituto para ajudarem a outras órfãs necessitadas, como elas, receberem a mesma caridade:

“(...) algumas das mesmas jovens, por ele educadas se ofereceram espontaneamente a ficarem no Instituto como mãe, tia ou professora, para retribuir às outras órfãs esta caridade, que antes

⁷ Para suprir a defasagem na formação dos padres daquele tempo Pe. Mazza tinha instituído um curso de 4 anos de formação após a ordenação.

elas mesmas tinham recebido. Ela foram chamadas, de fato, Cooperadoras da Caridade; e são a demonstração mais evidente da bondade do método “familiar” idealizado por Pe. Mazza, pois o Instituto feminino se manteve até hoje com vocações internas” (tradução nossa) (ALBRIGI, 1965, p. 67).

É bom saber que estas Cooperadoras de Pe. Mazza, mesmo se não tinham um laço com os votos religiosos, viviam uma vida semelhante a das religiosas, pois viviam doando-se dia e noite pelas meninas, se dedicando a elas em todos os sentidos e renunciando a uma vida matrimonial.

Aconteceu que muitas destas Cooperadoras também sentiam aspirações para a vida de consagração religiosa com votos, mas tinham que sair do Instituto e seguir outros carismas porque não existia a instituição das religiosas. Por isso, o quarto sucessor de Pe. Nicola Mazza, Pe. Emilio Crestani, decidiu satisfazer este desejo iniciando uma experiência de vida religiosa com estas Cooperadoras.

Em 1932, Pe. Emilio Crestani começou com um grupo de tais Cooperadoras que desejavam assumir uma vida religiosa, comprometidas seriamente com regras e votos, numa nova experiência em ambiente vizinho ao Instituto Feminino para garantir a própria autonomia, sem danificar a estrutura institucional do próprio Instituto. O superior então desta obra seria o próprio Emilio Crestani, com aprovação do bispo diocesano Dom Girolamo (ALBRIGI, 1965, pp. 221-222).

Esta experiência foi positiva, por isso, Pe. Emilio Crestani achou por bem continuar definindo bem qual seria a finalidade do novo Instituto.

Conforme Pietro Albrigi (1965, pp. 222-223), com uma organização mais forte e com finalidade clara, as novas irmãs tinham a possibilidade de atender o horizonte da caridade assumindo creches, escolas de bordado, internato para jovens de ensino médio e universitárias, etc., sempre a serviço da sociedade.

Sendo assim, os primeiros passos da fundação do Instituto da Caridade do Sagrado Coração estavam dados, restava apenas a aprovação da Congregação dos Religiosos para a aprovação das suas constituições.

No dia 22 de dezembro de 1956, o bispo de Verona, Dom Giovanni Urbani, apresentou requerimento à Congregação para religiosos a fim de obter autorização à emissão do decreto de aprovação da comunidade como Congregação de Direito Diocesano, com votos simples. A Congregação para os Religiosos, com registro no dia 05 de fevereiro de 1958, autorizou o Bispo de Verona a constituir em Congregação Religiosa de Direito Diocesano o

Instituto da Caridade do Sagrado Coração, conhecido como Irmãs de Pe. Mazza e de promulgar suas Constituições. O bispo de Verona, com decreto sucessivo, mandava que as Constituições, corrigidas e definitivamente aprovadas pela Sagrada Congregação para os Religiosos, fossem aplicadas em base ao Código de Direito Canônico. Finalmente, a Congregação sob o nome de Instituto da Caridade do Sagrado Coração, era reconhecida personalidade jurídica com decreto nº. 855 do presidente da República Italiana no dia 10 de julho de 1960 e regularmente registrado, junto ao Superior Tribunal das Contas no dia 12 de agosto do mesmo ano (Constituições, 1990, p. 08).

Assim, fundadas com o carisma da Caridade, as irmãs deste novo instituto podiam permanecer fiéis ao carisma mazziano atuando cuja finalidade é “ser útil à Igreja e à sociedade.”

Um dia após a aprovação, o bispo de Verona Monsenhor Giovanni Urbani, recebeu os votos das primeiras irmãs na festa do Sagrado Coração (ALBRIGI, 1965, p. 223).

Hoje, espalhadas na Itália e no Brasil, as Irmãs de Pe. Mazza continuam sua missão sempre fiéis ao carisma da caridade inspirando-se no exemplo dos fundadores.

Concluindo, pode-se dizer como Pe. Pietro Albrigi falou poeticamente, que “as Irmãs de Pe. Mazza são um verdadeiro broto do velho tronco mazziano, nascido e crescido na mesma seiva vital” (ALBRIGI, *apud*, Constituições, 1990, p. 15).

No próximo capítulo aprofundaremos sobre os valores evangélicos vivenciados por Pe. Mazza levando em consideração a Teoria da Autotranscendência na consistência.

CAPÍTULO III

4. OS VALORES QUE DIRECIONARAM A VIDA DE PADRE NICOLA MAZZA

4.1- A espiritualidade de Padre Nicola Mazza

Padre Nicola Mazza foi uma pessoa que não deixou tratados escritos sobre a sua espiritualidade e nem tão pouco sobre como os outros devem viver a sua espiritualidade. O que existe de escrito sobre a sua vida e espiritualidade é muito pouco e foram seus seguidores que escreveram ou então o próprio Pe. Mazza que deixou passar discretamente nas cartas que escrevia para as pessoas amigas e benfeitores um pouco do seu modo de ser e pensar a vida, mas sem dúvida foi um homem de profunda espiritualidade. Se não o fosse, hoje não estaria se perpetuando sua espiritualidade, seu carisma e suas obras.

Estes detalhes, acima citados, ajudam muito a compreender a consistência dos valores autotranscendentes vivenciados por ele, pois o que temos hoje é resultado de uma prática de vida e o que a Teoria da Autotranscendência na consistência está preocupada em nos mostrar é mesmo a consistência com a qual devemos viver os valores que proclamamos e estes valores devem transformar o nosso viver.

Segundo Rulla (1987, p. 545), se os homens não chegarem a mudar a si mesmos, todas as tentativas de reestruturar a sociedade serão destinadas à falência. O ponto mais vital da mensagem evangélica é justamente este: é o próprio homem que deve ser mudado,

transformado em Cristo. Este é o requisito necessário para a vinda do Reino de Deus. É nesta perspectiva que se coloca a espiritualidade de Pe. Mazza.

A espiritualidade de Padre Mazza emerge mais das ações que de escritos, mas trata-se de uma pessoa que não se pode suspeitar de que tenha lhe faltado uma profunda teoria da espiritualidade que se exprime no seu modo de orientar a vida, do seu modo de viver o cotidiano com uma riqueza espiritual que se tornou modelo para as gerações futuras.

Uma das atitudes de padre Mazza que revelam muito da sua espiritualidade é a sua vida de oração, pois não é possível sustentar uma vida espiritual sem uma profunda vida de oração e relação com Deus.

Padre Mazza era um homem de oração porque se levantava às duas da noite, mesmo no inverno, para rezar três ou quatro horas seguidas. Além disso, também achava importante esta atitude de oração para obter de Deus as virtudes e valores que achava necessários para a sua vida e das demais pessoas que conviviam com ele.

De acordo com Luigi Pretto (*apud*, ABRIGI et al, 1966, p.178), a oração, para uma alma que crê, é como o respiro e o respiro é uma coisa da qual nunca se fala: se respira e basta. Disto somente o doente se preocupa. Nas suas cartas, a vários destinatários, Padre Mazza não é ascético, mas o seu espírito aparece ocasionalmente e, antes de tudo, com uma oração que aparece como natural forma reconhecimento. Ele não podia mostrar-se grato aos seus benfeitores de outro modo, mas a oração é um preço que qualquer pessoa pode pagar e ele juntamente com seus alunos o pagavam com entusiasmo.

Pode-se dizer, portanto, que ele vivia cotidianamente uma profunda vida de oração, mas também a ensinava e exigia dos seus alunos.

Lorenzo Delaini (1987, p. 106), diz que para Padre Mazza a condição para ter a bondade de vida, a prudência e a constância é uma oração assídua, buscada explicitamente para poder fazer bem a própria parte e saber desejar e fazer somente a vontade de Deus; tal oração se radica numa práxis de vida lida com os olhos da fé e com uma atitude contemplativa, que emerge particularmente nas dificuldades e é testemunhada também na oração de agradecimento pelos dons e ajudas recebidas.

Estas afirmações revelam as convicções que padre Mazza tinha de que a oração deve conduzir não só as escolhas de uma pessoa, mas também toda a sua vida e as suas atitudes. E é esta uma das metas importantes da Teoria da Autotranscendência na consistência.

Não é possível sustentar uma práxis de oração sem uma fé firme e constante, capaz de superar as barreiras do impossível. Por isso, um outro elemento importante na vida espiritual de Padre Mazza é a fé e uma fé enraizada na Divina providência.

Emilio Butturini (1990, pp. 48-49), diz que dos documentos que analisou um dos pontos emergentes da personalidade religiosa de Padre Mazza aparece uma forte fé na Divina Providência, de um amoroso abandono ao Mistério de Deus, de uma verdadeira e própria entrega de todo o seu ser a Deus. Verdaderamente este homem de Deus não fala e não pensa sem que seja em termos de Providência e Vontade de Deus.

Grande foi a sua fé, pois desde jovem sacerdote até a morte, agiu e operou nesta fé católica: por este espírito de fé se fez sacerdote e apóstolo da juventude fundando os seus Institutos; sempre por este espírito de fé, sentia um afeto especial pela obra das Missões, aspirando torna-se missionário, favorecendo a vocação entre os seus sacerdotes e fundando na Itália um Instituto para a evangelização da África Central.

A fé na Divina Providência, era, de fato, seu lema principal. De acordo com Rino Cona (2006, p. 647), quando Padre Mazza deveria matar a fome de mais de quinhentas bocas, todos os dias e tinha perdido um apoio importante escreveu para um amigo: “A Divina Providência jamais me abandonou, e quase direi milagrosamente me mantém; e quanto a mim, eu devo assegurar-me sobre este divino apoio. Eu devo, portanto, procurar as vias que esta mesma providência tivesse determinado que devesse bater e recorrer a este meu necessário socorro”. Além disso, Cona diz que para Padre Mazza o benefício da caridade deveria vir do coração e não de uma troca recíproca, pois ele estava certo de que a ajuda que recebia vinha da graça de Deus que nunca o abandonara.

Segundo Luigi Pretto (*apud* ALBRIGI et al, 1966, p.184), para Padre Mazza viver confiante na Providência quer dizer viver serenos e seguros, mas quer dizer também viver isso a cada dia. Quem se confia o sabe. É obvio que deve existir ainda uma prudência responsável para uma pessoa realista como Padre Mazza que estuda meios de sustento para as suas obras.

Ele mantinha uma fé muito viva na Eucaristia, na virgem Maria e no Sagrado Coração; sua fé não era apenas devocional, pois eram realidades que faziam parte do cotidiano da sua espiritualidade. Sendo assim, eram os pilares da sua experiência espiritual.

A experiência de celebrar a Eucaristia era tão forte para ele que chegava a se emocionar durante a consagração.

Albrigi (1965, pp. 38-39), diz que um dos padres amigos de Padre Mazza, que o ajudava na missa, narra que o via muito comovido durante a missa, especialmente na hora do Evangelho, na consagração e durante a comunhão: se compreendia que ele considerava o Evangelho como palavra viva de Deus, e na Hóstia que apertava via o seu Jesus. E de onde vinha este fevor? O mesmo amigo responde: “praticando a vida interior, levantando-se de

manhã cedo para preparar-se na oração, mantendo-se longe das coisas profanas e lendo assiduamente a Sagrada Escritura”.

Padre Mazza além de viver a sua espiritualidade e devoções também incentivava os seus alunos, dos dois institutos a viverem e por isso se perpetuam ainda hoje suas devoções nos seus institutos.

Segundo Emilio Crestani (1933, p. 281), com relação à devoção a nossa Senhora, quantas vezes não ia prostra-se diante da imagem que é venerada na Catedral de Verona, com o título de Nossa Senhora do Povo! E quando ia e voltava dizia com fé simples e ingênua: “Vou até aquela Senhora; fui até aquela Senhora.”.

Quanto a sua fé no sagrado coração, veremos mais para frente que praticamente ele viveu na prática dois elementos importantes do Coração de Jesus: a caridade e a humildade.

Para ele era tão forte a espiritualidade do Sagrado Coração que ele mandou pintar um quadro com o Coração de Jesus junto como o coração de Maria onde demonstra como ele gostaria que fosse a educação dos jovens educados nos seus institutos.⁸

Portanto, até aqui vimos alguns elementos da Espiritualidade de Padre Mazza que não serão aprofundados mais para frente; nos itens que seguem veremos outros componentes da sua vida espiritual.

4.2- Padre Nicola Mazza e a autotranscendência

A palavra autotranscendência significa superação de si, ir além de si: dos seus desejos, das suas necessidades e das suas vontades. Autotranscender-se teocentricamente vai mais além porque significa autotranscender-se para atingir os valores de Cristo e chegar a viver a vida de Deus.

Para atingir esta meta da autotranscendência teocêntrica é necessário um desejo consciente e, acima de tudo, um esforço cotidiano a fim de vencer os próprios limites para entrar em relação profunda com o absoluto das nossas vidas.

Pode-se dizer que Padre Mazza foi uma pessoa que buscou constantemente superar-se a si mesmo para atingir os valores de Cristo e viver coerentemente sua vida sacerdotal, numa total entrega e abandono a Deus.

⁸ No final deste trabalho encontra-se o desenho do Sagrado Coração que Padre Mazza mandou pintar na Capela San Carlo do Instituto masculino e que ainda hoje se encontra lá.

Neste sentido Rulla (1987, p. 283), diz que todo verdadeiro amor significa perder a si mesmo, abandonar-se; por isso, desapegar-nos de nós mesmos, reportar-nos explicitamente a Deus e ao divino, indo além de nós mesmos e de nosso mundo, está na possibilidade do homem; isto é, o homem pode transcender-se no amor. É verdade que o amar a Deus de todo o coração e de toda a alma, com toda a mente e com todas as forças (Mt 12,30), só se realiza pela ação da graça divina. Porém, também é verdade que o homem tem a possibilidade, a capacidade para esse amor.

Algumas atitudes de Pe. Mazza que descreveremos daqui para frente comprovam esta sua capacidade de ir além de si mesmo.

Ele foi um homem extremamente austero consigo mesmo, pois mesmo tendo nascido no seio de uma família que estava bem economicamente viveu uma vida de pessoa simples e humilde.

Emilio Crestani (1933, p. 283), diz que ele era modesto e simples, enquanto com os outros era muito indulgente, conduzia uma vida pessoal austeríssima. Dormia pouco, sobretudo nos últimos anos de vida e muitas noites dormia sobre um velho e endurecido sofá; levantava-se cedo; como nutrimento comia pão amolecido na água pela manhã, de meio dia um pouco de polenta com verdura ou abóbora cozida; a sopa temperada com manteiga e óleo considerava comida de alteza que só aceitava comer por recomendação dos médicos quando estava doente e nos dias permitidos pela Igreja.

Além disso, ele acreditava que não eram suficientes apenas estas mortificações e por isso fazia uso também do cilício para mortificar-se.⁹

Segundo Emilio Crestani (1933, p. 284), ele era um verdadeiro imitador de Cristo e por isso mortificava-se a si mesmo de acordo com o que disse o apóstolo Paulo: “os que pertencem a Cristo, crucificaram a carne com seus desejos e paixões”.¹⁰

Quando criança (como vimos no segundo capítulo) ele tinha um temperamento forte, ficava vermelho quando desejava alguma coisa que não lhe era concedido, mas a sua prática de vida mostra que soube trabalhar e aprimorar este comportamento, pois não existem relatos de que tenha se mostrado temperamental. Isto significa que praticou mortificações internas, isto é, soube acalmar a sua índole e vivacidade de caráter, foi capaz de se autotranscender no seu modo de ser.

Sua história de vida também nos mostra que foi uma pessoa que desde cedo buscou aprimorar a sua personalidade, pois desde sua adolescência se deixou acompanhar

⁹ O cilício que Pe. Mazza utilizava encontra-se exposto ainda hoje em San Carlo.

¹⁰ Gal 5, 24.

espiritualmente por um sacerdote e mesmo na sua velhice buscava referência nos conselhos que recebeu na juventude.

Segundo Rino Cona (2006, p. 706), na velhice de Padre Mazza, quando ele fez experiência de desolação, retornavam na sua mente os ensinamentos do seu primeiro diretor espiritual, Cesari: ‘A benção e a maldição são instrumentos com os quais a paternidade divina conduz e corrige seus filhos’.

Não obstante a sua vida austera, ele foi um grande dispensador da misericórdia divina, pois uma das suas qualidades enquanto sacerdote foi a de grande confessor e exerceu este ministério desde os primeiros anos de sua vida ministerial.

De acordo com Emilio Crestani (1933, pp. 2661-262), Padre Mazza tinha presente que, além dos seus institutos de caridade, devia fazer o bem a outras almas através do sacramento da penitência a fim de conduzi-las ao Senhor. Além disso, ele era estimado e procurado por muitas pessoas pelo seu jeito amável e pela desenvoltura com a qual ministrava este sacramento; atendia as confissões todos os dias, trabalhou por muitos anos em várias paróquias de Verona (em algumas foi confessor por 20 anos e em uma delas chamada S. Fermo Maggiore por quase 25 anos, onde confessou até a sua morte) e era chamado o “carroceiro da misericórdia”.

Era tão importante para Padre Mazza o exercício deste ministério que ele o exerceu desde os primeiros anos de sua vida sacerdotal até o último ano de vida, como se salientou anteriormente. Mas ele não estava sozinho neste barco, tinham outros amigos santos que remavam junto com ele.

Emilio Crestani (1933, p. 264), lembra que ele era um dos confessores e diretores espirituais mais estimados de Verona e junto com outros quatro amigos eram chamados de quatro misteriosos animais, lembrados pelo profeta Ezequiel, destinados a puxar a carroça da Misericórdia divina. Era procurado também pelos sacerdotes que acorriam a ele como a um pai animado de viva caridade e como a um conselheiro sábio e prudente.

É importante notar que ele não buscava esta dimensão da misericórdia divina só para os outros, mas também e em primeiro lugar para si mesmo. Como se falou anteriormente, ele teve acompanhamento espiritual desde a sua adolescência até o fim da vida.

Conforme Emilio Crestani (1933, p. 273), durante sua vida sacerdotal ele teve por confessor e conselheiro Gaspare Bertoni, fundador dos Estigmatinos que ele chamava de sacerdote sábio e santo.

Este esforço de Padre Mazza em buscar e ao mesmo tempo procurar ser dispensador da misericórdia divina demonstra o quanto ele estava preocupado em amadurecer na fé e em viver plenamente os valores evangélicos que professava.

Outra dimensão de sua vida que demonstra sua capacidade de autotranscendência é a prudência e a capacidade de pedir sempre conselhos às pessoas que ele considerava sábias, nunca tomava decisões sem antes pedir conselhos.

Luigi Pretto (*apud*, ABRIGI et al, 1966, p.165), diz que a prudência em Padre Mazza era acompanhada de um profundo respeito pelas pessoas e por uma profunda confiança nos seus colaboradores. A clareza do desígnio com o qual age, a concretude das demonstrações que ele requeria as experiências e ao julgamento dos outros, a capacidade de adaptar-se às circunstâncias na fidelidade ao desígnio, a capacidade de considerar homens e fatos, a energia com a qual guiou suas instituições, nos parece constituir os elementos essenciais de uma prudência cuidadosa e fervorosa, como se encontra nos homens guiados por Deus.

Além dos elementos que foram expostos até aqui sobre a capacidade de Padre Mazza de se autotranscender, podemos recordar mais dois valores importantes que nos revelam esta sua capacidade de ir além de si mesmo para ir ao encontro daquele que é o absoluto de sua alma: a pobreza e a obediência.

A obediência, em primeiro lugar a Deus, pois como veremos mais adiante um dos valores mais importantes para ele foi a busca constante de vontade de Deus e depois a viveu com relação à Igreja e a ensinou aos seus alunos.

Como diz Luigi Pretto (1966, p. 206 e 216), a obediência para Padre Mazza é um dever, ao qual chama a atenção dos seus jovens e dos seus sacerdotes. Mas, salvo a obediência à Igreja da qual tem as mais claras afirmações, para ele esta virtude deve ser vista, sobretudo, como uma exigência de concórdia e de amor, de estima e de respeito, sobre a qual é fundada muito mais que no princípio de respeito ao superior, como representante de Deus.

O espírito de pobreza para ele tinha um significado prioritário não só para a sua vida pessoal como também para as suas obras.

Conforme Luigi Pretto (1966, p. 181), a bem aventurança: ‘Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos céus’, para os santos tem o valor de um ato de fé, para eles e para as suas instituições; no Reino que no céu como na terra, não se atua senão com a força de sua fraqueza e a riqueza de sua pobreza material. Padre Mazza fez desta idéia uma norma de conduta sobre a qual tinha fé, sem exceção para si e para quem operava com ele.

Mas, para se dizer que uma pessoa foi capaz de superação, é necessário dizer também os limites e as dificuldades que encarou para atingir esta meta, pois o caminho de superação de si supõe avanços e recuos que impendem à pessoa de atingir plenamente os valores proclamados e desejados.

Segundo Rulla (1987, p. 549), a teoria da Autotranscendência indica a possibilidade e o chamado da pessoa humana para um sim incondicional ao amor de Deus; mas esse sim não é uma coisa nem espontânea nem fácil: a pessoa humana, por suas dialética (como se falou no primeiro capítulo) da primeira, segunda (e às vezes de terceira) dimensão, é vulnerável em sua liberdade de se autotranscender teocentricamente e, por isso, precisa de Salvação e de ajuda, para libertar todas as suas energias para o amor teocêntrico, para ser um líder espiritual e para fazer verdadeiramente da humanidade o templo vivo de Deus, os membros do Corpo Místico de Cristo que se amam mutuamente.

Fica claro, portanto, que este é um caminho nem sempre fácil de ser atingido por todos. Pe. Mazza também fez esta experiência do já, ainda não, que uma vivência interior pautada nos valores evangélicos pressupõe. Em alguns momentos de sua vida, como veremos a seguir, estas experiências lhe foram cruciais, mas ao mesmo tempo importantes para que conseguisse atingir um grau mais alto de liberdade.

Acredita-se que uma das experiências fortes que Pe. Mazza fez de fraqueza foi a fragilidade de sua saúde, pois esta o limitou muito no seu desejo missionário de ir para a África. Como já se falou anteriormente, ele sonhou sempre com a missão africana, mas nunca chegou a ir até lá.

Lourenço Gaiga (1990, p. 80), escreve que quando algumas pessoas ficavam rindo e chamando ele (Mazza) de padre Congo, ele dizia que podiam rir, mas bem sabiam onde estaria se tivesse boa saúde.

Então, percebe-se claramente que o motivo pelo qual Pe. Mazza nunca conseguiu ir para a África foi a fragilidade de sua saúde. Este limite ele nunca conseguiu superar, mas encontrou outros caminhos para se sentir lá: enviou os padres do seu instituto e batalhou muito para que esta missão desse certo. Sem dúvida era um sofrimento para ele, mas ele conseguiu dar um sentido novo para o seu anseio missionário.

De fato Rulla, (1987, p. 445), diz que uma das maiores dificuldades que as pessoas têm em seu esforço de crescimento na vocação cristã é dar a esse sofrimento um significado autotranscendente, que faça dele um “sacrifício”; resistimos a ver e a aceitar esse sofrimento por Cristo, isto é, com os olhos da fé. Os nossos sofrimentos ordinários da primeira dimensão têm diversos significados e funções positivas: um significado existencial, isto é, de tensão

inerente, inseparável da condição humana, mas que pode ser ocasião, estímulo para uma busca ou para um retorno à conduta certa; ajuda-nos a nos livrar da rebelião contra eles e a transformar esta rebelião na participação da Cruz de Cristo; pode ter um valor redentor, se forem unidos a Cruz de Cristo e se fizermos dele um dom de amor e de gratidão.

Neste sentido, pode-se dizer que Pe. Mazza sabia redimensionar os seus sofrimentos e dar um sentido cristão como ele fez com este seu limite físico que o impediu de ir à África.

A missão africana, em si, parece ter sido um fracasso porque a maioria dos missionários morreram lá, somente dois voltaram com vida.

De acordo com Lourenço Gaiga (1990, p. 95), quando os últimos missionários retornaram da África, trouxeram com eles um menino africano, ao abraçá-los e entre lágrimas, Pe. Mazza exclamou: ‘Ainda estou pronto, ó Senhor, se tu quiseres’.

Em alguns momentos de sua vida, ele experimentou fortemente a desolação e o fracasso, estas parecem deixá-lo inconsistente na vivência dos valores que proclamava como a confiança em Deus e a disponibilidade para fazer a sua vontade.

Quando ele parava para pensar e rezar, nos momentos de tribulações, se sentia um fracassado:

‘Meu Deus, meu Deus, minha vida foi toda um fracasso’ (MAZZA, *apud*, GAIGA, 1990, p.109).

Estas suas afirmações demonstram o sentimento de fracasso que experimentava quando as coisas não andavam bem como ele havia sonhado.

Diante da morte dos missionários na África ele se perguntava:

‘Para onde irá a missão africana? Repara quantas vidas custou! Tu sabes, Senhor que só agi para conduzir os africanos perto de ti. Mas não fui me iludindo, querendo me embarcar em desventuras superiores às minhas forças? Se fui presunçoso, perdoe-me. Sabe, Senhor, que foi por amor e o amor pode perder as medidas das proporções (MAZZA, *apud*, GAIGA, 1990, pp.109-110).

O homem que parecia extremamente constante e prudente, nestas afirmações acima parece fracassado, imprudente nas suas ações e incerto do futuro, mas mesmo assim consegue fazer da sua dor um ato de oblação a Deus através da sua oração e diálogo com Ele. Está certo de que o que fez foi por amor ao povo africano.

De acordo com Rulla (1987, p. 487), quando uma pessoa faz a escolha de se orientar pelos valores deve estar disposto a pagar o preço necessário para proteger seus valores. Portanto, podemos dizer que foi esta a atitude de Pe. Mazza diante das dificuldades e o mérito de sua autotranscendência.

Todas estas atitudes comprovam que ele foi um homem que jamais se acomodou diante da vida e que lutou incessantemente para merecer o Reino dos céus. Portanto, pode-se concluir que não é por nada que ele morreu com fama de santidade, conforme nota Emilio Crestani (1933, p. 305). Ainda em vida gozava a fama de santo e era chamado: o santo, mas ele nunca aceitou de ser chamado desta forma, as pessoas que o consideravam assim não deveriam falar para que ele escutasse porque se as escutasse as repreendia. Ele gozava da fama de santo pela sua vida pura e austeríssima, pelas suas grandes obras de caridade, benditas pelo Senhor, pela sua grande prudência e confiança em Deus.

4.3- Humildade, Caridade, Busca Constante da Vontade de Deus: valores de fundo da vida de Padre Nicola Mazza

Para a Teoria da Autotranscendência na Consistência a vivência dos valores deve se traduzir em gestos concretos de amor a Deus e aos irmãos.

Segundo Rulla (1987, pp. 440-441), os valores autotranscendentes de Cristo devem ser apresentados como o ideal supremo e mais importante de viver, ao qual todo o resto deve ser subordinado. Devemos perder a vida por Cristo, reencontrando-a dessa maneira. Devemos autotranscender-nos no amor por Cristo para sermos transformados nele. Devemos fazer um dom total de nós mesmos ao Outro e ao outro.

Conforme vimos até aqui, Padre Mazza viveu muitos valores teocêntricos que nos levam a entender que foi um homem extremamente voltado para Deus e para o próximo, mas com os pés bem firmes na realidade da sua época. Ele viveu plenamente os valores citados até aqui, mas estes valores que iremos aprofundar daqui em diante tiveram um lugar de destaque na sua vida e nas suas obras.

Ele viveu a humildade como um estilo de vida do qual se utilizou para dar sentido à sua vida e às suas obras, pois desde criança assumiu a posição de uma pessoa simples, sem luxo e jamais exaltou-se a si mesmo naquilo que realizou.

Dois autores que estudaram a sua personalidade falam deste seu espírito de humildade: Emílio Crestani (1933, p.289) afirma que ele era simples, sincero, falava sempre o seu dialeto; e quando era elogiado em revistas ou jornais por suas obras de caridade dirigia tudo para Deus. Luigi Pretto (*apud*, ALBRIGI et al, 1966, p. 190), diz que para ele a humildade era a verdade e diante das suas obras ele pedia que o mérito delas fosse atribuído somente a Deus. Como também pede que mesmo sua obra seja vista na sua realidade, na idéia que encarna e que se esforça de realizar, não na exaltação admirativa e fora de lugar.

Para ele a humildade estava muito ligada a seu estilo de vida pobre e doada aos pobres, parece que uma coisa estava extremamente ligada à outra e que somente a partir do seu estilo de vida humilde podia se aproximar dos mais necessitados.

De fato, Rino Cona (2006, p. 155) diz que Padre Mazza amava a pobreza, estava feliz com a sua vida humilde e simples, como se fosse esta vida que mais facilmente lhe permitia o acesso aos pobres, aos humildes e simples.

Como já se falou anteriormente, uma das características da personalidade deste homem é a prudência. Ela também está ligada ao seu estilo de vida humilde.

De acordo com Lorenzo Delaini (1987, p. 99), esta atitude de Padre Mazza de ser prudente o leva ao estilo de vida humilde e ao sentido do próprio limite e também a exercitar-se na capacidade de saber esperar e de viver os acontecimentos com paciência.

Ele não só se exercitava na virtude da humildade, como também procurava inculcar esta virtude nos seus alunos e membros dos seus institutos. O que ele queria que ficasse claro para si e para os seus era que tudo vem de Deus e, portanto, o mérito é seu. Além disso, estava convencido de que quanto mais a pessoa é humilde mais ela pode se aproximar de Deus e reconhecer o seu limite.

Conforme Abrigi (1965, p. 177), Padre Mazza na sua humildade atribuía a ele pessoalmente todos os defeitos que as pessoas direcionavam às suas obras, enquanto o bem que muitos viam nestas era tudo de Deus. Desta humildade e do espírito de oração, que o acompanhava e que se tornava sempre mais intensa, com o passar dos anos, surgia a sua serenidade mesmo diante das tribulações.

Pode-se dizer, portanto, que este valor era como que uma coluna de sustentação que o ajudava a manter-se equilibrado diante das alegrias e conquistas, como também, diante das dificuldades e tribulações do dia a dia.

A caridade foi outro valor vivido por Padre Mazza que deu sentido ao seu ministério sacerdotal e, sobretudo ao seu operar em favor dos irmãos mais necessitados de sua época.

Emilio Butturini (1990, p. 57), fala que a caridade deste homem era como que a síntese de todas as suas virtudes evangélicas e é aquela que era mais diretamente percebida pelas pessoas.

Contudo, a sua sensibilidade caritativa não é algo abstrato, mas sim bastante concreto e palpável. É uma caridade que inflama seu coração de amor pelas pessoas e o impulsiona a agir em favor delas.

De acordo com Emilio Butturini (1990, p. 57 e 58) ela se torna realidade na sua caridade de confessor pela sua disponibilidade sem limites no serviço às paróquias ou na assistência espiritual no instituto fundado por Teodora Campostrini, pelo seu espírito anti-rigorista nutrido por apaixonados estudos tomísticos e afonsianos, pela grande amabilidade e alegria. Na caridade de benfeitor pela sua extraordinária capacidade de acolhida das meninas e rapazes necessitados procurando respeitar as suas inclinações naturais. Na caridade nas relações interpessoais em relação aos seus colaboradores e alunos, mas também em relação aos seus superiores civis e eclesiásticos e qualquer outra pessoa, pela sua grande capacidade de respeitar as escolhas de cada um.

Ele viveu a caridade não só para com o próximo, mas também e, sobretudo para com Deus. A sua mente e o seu coração estavam completamente votados para Deus: as palavras, os atos, as inspirações; falava sempre em Deus, em todas as circunstâncias pensava, falava e agia por puro amor de Deus. Tudo o que foi colocado até aqui, comprova esta sua atitude diante de Deus.

Por fim, pode-se dizer que Padre Mazza fazia de tudo para que todos louvassem a Deus pela sua bondade, pela sua misericórdia e pelos infinitos benefícios feitos por nós. Este seu amor se faz real na sua devoção ao Santíssimo Sacramento, ao Coração de Jesus e a Jesus crucificado. Por isso, conclui-se que a caridade penetrava todo o seu ser e era alimentada por um profundo espírito de fé.

Podemos passar a falar, daqui para frente, do seu grande anseio de fazer e cumprir a vontade de Deus. O seu maior desejo era fazer tudo, contanto, que a Vontade de Deus se realizasse plenamente.

Padre Mazza fez do esforço para conhecer e cumprir a vontade de Deus um programa de vida, para si e para os seus filhos espirituais, do qual dependia para viver a sua entrega a Cristo e ao Reino de Deus.

Um modo todo seu de transmitir esta preocupação era as cartas que escrevia aos seus padres colaboradores, amigos e benfeitores. Numa carta escrita a padre Francesco Angeleri em 1850, escreveu:

“Não a minha, mas a Vontade de Deus se faça; eu coloco mãos a obra, queira Deus que eu conheça o seu querer”. (tradução nossa) (Mazza in Scritti, 2000, p. 41).

Além de transmitir esta sua preocupação aos seguidores, também a transmitia às pessoas amigas e pedia que rezassem junto com ele para que pudesse realizá-la.

Luigi Pretto (1966, p.112), diz que este programa de vida de Padre Mazza de cumprir a vontade de Deus não é fácil de realizá-lo porque nem sempre corresponde a nossas inspirações pessoais, mas mesmo assim ele não vacila nesta busca e não oscila em pedir até mesmo a pessoas não confidentes: “Reze por mim, para que Deus me inspire e me dê o poder de ver e de fazer somente o que a sua glória quer”.

Então, fica claro que o compromisso principal deste homem de Deus era: buscar, conhecer, cumprir e ser interprete e operador da vontade divina.

Ele estava tão disponível a fazer a vontade de Deus que estava disposto a renunciar as suas obras de caridade, se não fossem do desígnio de Deus:

“Quanto a nós, bondade de vida, prudência, constância e para isso oração e muita oração; é isso que se requer de nós, feito isso a vontade de Deus será conhecida; nós devemos estar prontos a segui-la, qualquer que seja, já que não devemos querer outra coisa que não seja aquilo que Deus quer; temos, porém como conforto, que, fazendo nós a nossa parte, poderemos esperar de Deus a mesma recompensa, ainda que a obra não se cumpra, não querendo Deus”. (tradução nossa) (Mazza in Scritti, 2000, p. 48).

Além disso, ele estava convencido de que o homem tanto pode cooperar com a criação e ação de Deus, como também pode atrapalhar esta ação. Por isso, justifica-se a sua insistência em rezar e se esforçar para que a vontade de Deus se realizasse na sua vida e nas suas obras.

Luigi Pretto (*apud*, ALBRIGI et al., 1966, p.112), diz que Padre Mazza escreve a um amigo padre e pede que reze a fim de que ele (Mazza) possa fazer a vontade de Deus e não ser de obstáculo a este fim. De acordo com este autor, este pedido revela o âmago de um homem que muito concretamente sabe que Deus se serve dos homens para a atuação dos seus desígnios e que estes mesmos homens podem ser um obstáculo à obra de Deus, talvez com a suas negligências e lentidão.

Tudo isso, põe em evidência que este valor foi como que um motor que movia a sua vida e a sua atuação e, mais ainda, esclarece que ele se esforçava para que o seu projeto não

fosse obra de sua humana reflexão, mas do agir de Deus. Por isso, diante dos acontecimentos da vida, especialmente diante das dificuldades ele esperava que se manifestassem os sinais da Vontade divina.

Ele tem esta atitude de espera da manifestação divina, por exemplo, quando lhe faltava dinheiro para sustentar os seus institutos: “Deus sabe melhor do que nós conduzir as coisas, e como ele as conduz está bom, por isso, nós devemos ficar plenamente contentes”.¹¹ Esta espera dos sinais da ação divina estava intimamente ligada à sua fé e confiança na Divina Providência:

“Faça Deus o que ele quiser e me faça querer e fazer somente àquilo que ele quer; outra coisa, com a sua graça, não quero querer e nem fazer. Me faltam os meios humanos, é verdade, mas os atos da Divina Providência, direi milagrosos, provados até aqui, me fazem esperar da divina vontade os meios para estas minhas obras. São quatrocentos os indivíduos dos meus institutos e pior ainda eram as críticas circunstâncias dos tempos e Deus sempre os sustentou. Se for Sua vontade que subsistam, saberá mover os corações dos seus amantes e fieis para dar-me subsistência e fundo estável.” (Mazza, 2000, p. 355).

Certo que para atingir este nível de confiança em Deus é necessária uma vida de total entrega a Ele e uma profunda vida espiritual, alimentada por uma intensa vida de oração que só é possível a quem é capaz de ir além de si como este homem o foi.

Podemos concluir dizendo que aqui foram evidenciados apenas alguns flashes de como Padre Mazza viveu os valores espirituais citados durante este trabalho. Por isso, fica aberta uma trilha para futuras pesquisas.

¹¹ Confira Mazza in Scritti, 2000, p. 42.

CONCLUSÃO

A partir da Teoria da Autotranscendência na Consistência viu-se que o homem é impulsionado para Deus e naturalmente capaz de se autotranscender, ou seja, ir além de si mesmo e optar pelos valores da vida e de Cristo. Vivenciar ideais autotranscendentes faz parte do viver da pessoa humana em qualquer período histórico.

Vimos que quem ama a Deus tem o coração sempre inquieto e não sossega enquanto seu espírito não repousa Nele. Mas esta opção requer da pessoa que se transcende em Deus um esforço e um exercício contínuo para ir ao encontro do infinito que o atrai. Não é suficiente apenas a vontade, é necessário um movimento cotidiano e uma escolha consciente para este fim.

A pessoa que opta por viver o projeto de Deus e a autotranscendência deve ser fascinada e apaixonada por este ideal, a fim de que a sua vida se torne uma parábola viva daquilo que acredita.

Buscamos aqui, mostrar o exemplo de vida de uma pessoa que se fascinou por este ideal e que buscou vive-lo no concreto do seu cotidiano, sem vacilar diante das dificuldades da vida.

Padre Nicola Mazza fez do desejo de responder aos apelos de Deus em sua vida não apenas um ideal, mas um projeto de vida que perpassou todo o seu viver.

As suas obras foram tentativas de respostas concretas aos apelos divinos. Mas, ele não se apegou a elas, pois estava disposto a renunciá-las se compreendesse que não correspondiam à vontade Deus.

Quem se aventura nesta busca do Infinito e do absoluto não deve temer perder a sua vida, pelo contrário, deve ser capaz de renunciar a si mesmo para encontrar o bem maior.

Somente as pessoas livres, como Padre Mazza foi, podem fazer uma escolha ousada como esta. Apesar de suas dificuldades pessoais, ele conseguiu auto-superar-se e vencer as dificuldades cotidianas.

Aqui pudemos constatar que todos nós somos capazes de fazer e devemos traçar este caminho transcendental, se quisermos seguir na seqüela de Cristo e nos contrapormos aos valores ilusórios que a sociedade moderna nos apresenta. E para isso, é necessário traçarmos um projeto de vida pautado nos valores do Evangelho.

Cada pessoa tem seu jeito de viver esta busca pela autotranscendência e pelo absoluto da vida. O modo que Padre Mazza encontrou nos mostra o perfil da sua espiritualidade: Humildade, Caridade, Busca Constante da Vontade de Deus e todos os outros elementos do seu modo de viver que foram traçados durante este trabalho.

Costuma-se dizer que tudo o que é verdadeiro se perpetua pela história da humanidade e esta constatação torna-se realidade com o carisma e espiritualidade deste homem que dura do século XIX até os nossos dias.

Concluindo, podemos dizer que quem quiser percorrer o caminho da liberdade interior e realização pessoal, tendo como parâmetro os valores cristãos, não existe outra estrada além da autotranscendência no Amor Teocêntrico. E aos que vivem este ideal dentro do carisma e da espiritualidade mazziana, resta ainda aprofundar um pouco mais e beber do poço de sabedoria de Deus que Padre Mazza nos deixou com seu exemplo de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRIGI, Pietro. **Don Nicola Mazza**. Verona: Mazziana, 1965.

_____ .et al. **Miscellanea di studi mazziani**. Vol 1, Verona: Mazziana, 1966.

BACCHETTI, Flavia. **I Bambini e la Famiglia nell' Ottocento: Realtà e mito attraverso la letteratura per l'infância**. Firenze: Casa Editrice Lettere, 1997.

BRANDÃO, Marilene. **Psicologia e formação religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1984.

BUTTURINI, Emilio. **Rigore e libertà: la proposta educativa de don Nicola Mazza (1790-1865)**. Verona: Mazziana, 1990.

CENCINI, Amedeo & MANENTI, Alessandro. **Psicologia e Formação – Estruturas e dinamismos**. São Paulo: Paulinas, 1988.

CONA, Rino. **Nicola Mazza: Un Prete per la Chiesa e la Società**. Verona: Mazziana, 2006.

Constituições da Congregação Caridade do Sagrado Coração – Irmãs de Padre Nicola Mazza. João Pessoa, 1989.

- GAIGA, Lourenço. **A grande aventura de Padre Nicola**. Recife: Bagaço, 2007.
- GELMETTI, Flavio. **Note Mazziane**. Verona: Mazziana, nº 01, 1995. p. 8-13.
- GUASCO, Maurilio et al. **Miscellanea di studi mazziani**. Vol 2, Verona: Mazziana, 1990
- MATTOS, Henrique Cristiano José. **Introdução à História da Igreja**. 3ª ed., Belo Horizonte: O Lutador, 1997.
- MAZZA, Nicola. **Scritti**. Verona: Mazziana, 2000.
- NUTTIN, J. **Psicanálise e personalidade**. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 1972.
- PRETTO, Luigi. **Note mazziane**. Verona: Mazziana, nº 03, 1999. p. 135-134.
- RULLA, Luigi M. **Antropologia da vocação cristã – Bases interdisciplinares**. São Paulo: Paulinas, 1987.
- _____. **Psicologia do profundo e vocação, a Pessoa**. São Paulo: Paulinas, 1986.
- RULLA, LUIGI M.; IMODA, Franco; RIDICK, Joyce. **Estrutura psicológica e vocação, motivações de entrada e de saída**. São Paulo: Edições Loyola, 1985.
- SILVA, Eluiza Maria de Andrade. **A missão das irmãs de São José de Chambéry no Brasil em tempos de Mudanças: 1960-1980: Um Enfoque Histórico**. São Paulo: Trabalho de Conclusão do Curso de Cultura Religiosa, 2000.

ANEXOS



Imagem do Sagrado Coração que Padre Mazza mandou pintar na igreja de S. Carlo do Instituto Masculino.



Nossa Senhora do Povo – Imagem venerada por Padre Mazza que se encontra ainda hoje na capela da Casa Mãe das Irmãs da Caridade do Sagrado Coração Irmãs de Padre Mazza